

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UNB

MOUAMAR DINIS SEQUEIRA

“As categorias da narrativa em **Admirável diamante bruto** de
Waldir Araújo, um escritor guineense contemporâneo”.

BRASÍLIA

2013

MOUAMAR DINIS SEQUEIRA

“As categorias da narrativa em **Admirável diamante bruto** de Waldir Araújo, um escritor guineense contemporâneo”.

Trabalho de Conclusão de Curso no Bacharelado em Letras “Português e respectivas literaturas”, feito sob a orientação do Prof. Dr. Sidney Barbosa, na Universidade de Brasília.

BRASÍLIA
2013

Dedicatória

Aos meus pais Manuel Dinis Sequeira e Maria Augusta de Barros e toda a família pelo eterno incentivo.

Resumo

Este trabalho tem como objetivo analisar o gênero narração, especificamente o conto, por meio das categorias narrativas. O estudo do foco narrativo, do enredo dos personagens, do espaço, do tempo, da relação do leitor, possibilitou a interpretação e compreensão do conto **Admirável Diamante Bruto e outros contos** autor Waldir Araújo, um escritor Guineense Contemporâneo. Trazer um pouco da história do meu país antes e depois da colonização e demonstrar como esse jovem país esta lutando para acompanhar a globalização.

Palavras-chaves: Teoria literária, categorias narrativas, Guiné-Bissau, Admirável Diamante Bruto e outros contos.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	7
2 FUNDAMENTO E TEORIA LITERARIA.....	8
2.1 GENEROS LITERARIOS.....	10
2.1.1 Prosa.....	13
2.1.2 Novela.....	13
2.1.3 Romance.....	15
2.1.4 Conto.....	16
3 BREVE RELATO HISTORICO DA GUINÉ-BISSAU DESDE A PRE- HISTÓRIA ATÉ OS DIAS ATUAIS.....	17
3.1 PRÉ-HISTÓRIA.....	17
3.2 A ÉPOCA ANTES DE COLONIZAÇÃO.....	18
3.3 A GEOGRAFIA	19
3.3.1 Região Bafata.....	19
3.3.2 Região de Biombo.....	20
3.3.3 Sector Autônomo de Bissau.....	21
3.3.4 Região de Bolama/Bijagos.....	22
3.3.5 Região de Cacheu.....	23
3.3.6 Região de Gabu.....	24
3.3.7 Região de Oio.....	24
3.3.8 Região da Quinará.....	25
3.3.9 Região de Tombali.....	26
3.4 A HISTÓRIA E A CULTURA.....	28
3.5 O PERÍODO POS-INDEPENDENCIA.....	32
3.6 SITUAÇÕES SOCIAIS DO PAÍS.....	35
3.7 GOLPES DE ESTADO.....	37
4 EDUCAÇÃO.....	38
4.1 EDUCAÇÃO PRÉ-COLONIAL.....	38
4.2 EDUCAÇÃO COLONIAL.....	39
4.3 ESPANÇO E REFORMA.....	41
5 ASPECTO CULTURAL.....	44

5.1 REVISTA EM QUADRINHO.....	45
5.2 TEATRO E CINEMA.....	45
5.3 MÚSICA.....	47
6 NOTICIA SOBRE WALDIR ARAÚJO.....	48
7 AS CATEGORIAS DA NARRATIVA DO LIVRO ADMIRÁVEL DIAMANTE BRUTO E OUTROS CONTOS.....	49
7.1 ADMIRÁVEL DIAMANTE BRUTO.....	49
7.1.2 Caracterizações físicas das personagens.....	50
7.1.3 Caracterizações psicológicas das personagens.....	50
7.2 O DIA DO AMOR PRÓPRIO.....	52
7.2.1 Caracterizações físicas das personagens.....	52
7.2.2 Caracterizações psicológicas das personagens.....	52
7.3 O DIA EM QUE FUI SALVO PELO PAI NATAL.....	54
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	57
REFERÊNCIAS.....	58

INTRODUÇÃO

Sou estudante estrangeiro vindo da Guiné-Bissau, fiz meus estudos primários e secundários no meu País. Este trabalho tem como finalidade realizar pesquisa que é necessário a minha formação profissional, Bacharelado em Letras Português e Respectivas Literaturas. Escolhe este tema por razão afetivas é um estudo da literatura do meu País.

A Guiné-Bissau, como os demais países africanos, não tem sido objeto de grandes estudos nem de presença constante na mídia mundial. As informações provenientes desses países só se referem, na maioria das vezes, as crises política e econômica, a fome, a instabilidade social, aos massacres. Obviamente tudo isso existe, mas as razões dessa situação nunca são apresentadas e, além de isso, o Continente Africano não é apenas um baluarte de conflito ou crise.

Tal complexidade cria a necessidade de estudos que abordem esse tema. Em relação à Guiné-Bissau, essa necessidade é ainda maior e mais relevante. Guiné-Bissau, não tem sido objeto de grandes estudos, é visto por estudiosos como um “espaço vazio”. A ideia de que a Guiné-Bissau seria uma página em Branco em termos da literatura continuou sendo ventilada por mais algum tempo.

Falar em literatura guineense é um pouco complicado. É verdade de que a literatura guineense registra uma fraca produção. Esporadicamente há edições de antologias poéticas. Entre os poetas distinguem-se nomes como Amílcar Cabral. Vasco Cabral, Agnelo Regalo, Helder Proença, Armando Salvaterra, Jose Carlos Schwartz e Antonio Soares Junior. No campo do romance, o nome que vem se destacando é o de Abdulai Silá, que lançou duas obras no espaço de apenas um ano. A importância da pesquisa a qual nós sugerimos a realizar reside numa busca demonstrar de que a jovem literatura guineense pode ser útil.

Segundo LOURENÇO CÁ (2000, p. 9) a estrutura educacional montada pelos portugueses não foi mesmo criada para os Guineenses terem acesso. Quando muito, 1% de toda população podia contentar-se em possuir alguma educação elementar.

Com efeito, o primeiro estabelecimento de ensino secundário só foi aberto em 1958, enquanto que, por exemplo, em Cabo Verde o primeiro Liceu foi inaugurado na

Praia em 1860. O acesso ao ensino era bastante restrito, estando dela excluída a maioria da população (99,7% em 1961) abrangida pelo Estatuto do Indigenato.

A imprensa também chegou tardiamente à colônia, em 1879, enquanto que nas demais colônias ela foi instalada entre 1842 e 1857 (FILOMENA EMBALÓ. 2004 P.1).

Como um dos legados da colonização, a Guiné-Bissau herdou fronteiras arbitrárias e um mosaico cultural, constituído por cerca de 30 diferentes grupos étnicos. Apesar disso, “na multiplicidade e na riqueza de sua multiculturalidade, é, hoje em dia, uma unidade geopolítica que procura seu lugar no mundo como um Estado-nação. A literatura participa dessa busca” (AUGEL, 2007, P. 176).

Segue o capítulo introdutório um capítulo de abordagem do fundamento de teoria literária. Analisar panoramicamente o papel da Literatura no contexto histórico na interpretação, assim como da relevância da linguística e dos elementos inconscientes do texto.

No segundo capítulo, analise volta-se a História da Guiné-Bissau. Os principais acontecimentos da história da exploração, desde a chegada dos portugueses a atualidade, são delineados. A sua situação cultural, econômica, política e social, após a conquista da independência.

“Admirável Diamante Bruto e outros contos” é o último capítulo. A análise da obra de Waldir Araújo, publicado em 2008. Treze histórias que nos transportam para cotidiano da sua Guiné, através do olhar de um narrador, cuja existência carrega também o desencanto de certa urbanidade.

Tendo em conta a maior diversidade possível selecionei algumas das que surgem nos treze contos: Admirável Diamante Bruto do conto homônimo, O Dia Do Amor-Próprio, O Dia Em Que Fui Salvo Pelo Pai Natal, Destino de Dubianka.

2 FUNDAMENTO DE TEORIA LITERÁRIA

Teoria Literária é o corpo de ideias e métodos utilizados na leitura prática da literatura. O termo não se refere ao significado de uma obra literária, mas as teorias que revelam o que a literatura pode significar. Toda interpretação literária parte de uma base teórica, mas pode servir de justificativa para vários tipos de atividade críticas. É a teoria literária que formula a relação entre o autor e a obra, e desenvolve a significância de classe e gênero para estudo literário, tudo a partir do ponto de vista da biografia do autor e de análise de sua presença temática nos textos.

Ela oferece várias abordagens para compreensão do papel do contexto histórico na interpretação, assim como da relevância da linguística e dos elementos inconscientes do texto. Os teóricos da literatura traçam a história e a evolução dos diferentes gêneros narrativo, dramático, lírico.

A teoria literária reúne uma coleção de ciências que alguns chamam de “teoria da literatura” e outro de “teoria literária”. A distinção existe: “teoria literária” se diz da teoria que nasce da prática literária, da obra, da leitura. E a “teoria da literatura” vê a literatura como objeto do seu saber. Sua primeira tarefa consiste em dizer o que é *literatura* (ROGEL. Samuel 2002, p. 7).

Em latim “literatura” significava instrução, saber relativo à arte de escrever e ler, ou ainda gramática, alfabeto, erudito. Quando, no século XVII ou na primeira metade do século XVIII, pretende-se designar o que hoje chamamos “*literatura*”, emprega-se a palavra *poesia*, expressão *belas letras*, ou no caso de se pretender referir certas formas de prosa, utilizava-se o vocábulo “eloquência” (SILVA e Aguiar 1976, p. 22).

Na segunda metade do século XVII, período fulcral na transformação da vida cultural e artística da Europa moderna, verifica-se uma profunda evolução semântica da palavra “literatura”. Em vez de significar o saber, a cultura do letrado, a palavra passa a designar antes uma específica atividade. A evolução do vocábulo continua e, cerca do fim do terceiro quartel do século XVIII, “*literatura*” passa a significar o conjunto das obras literárias de um país (literatura nacional), pelo que se lhe associa um adjetivo determinativo: inglês, francês etc. no ano de 1772, por exemplo, publica-se a *Storia della letteratura italiana* de Gerolamo Tiraboschi (SILVA e Aguiar 1976, p. 23).

A literatura conheceu uma nova matriz semântica, passando a assinalar o fenômeno literário em comum e agora não limitado a uma literatura nacional, em particular. Caminha-se para o conhecimento de literatura como criação estética, como categoria intelectual exclusiva e específica forma de ciência.

Segundo Rogel Samuel (2007, p. 9) a literatura faz parte do produto geral do trabalho humano, ou *cultural*. A *cultura* de um povo realiza-se, em diversos sentidos, nas ciências e nas artes. A cultura é um conjunto de fatos e hábitos socialmente herdados, que determina a vida dos indivíduos. O literário consta de certo texto que possui a *literariedade*, constituído pelas metáforas, metonímias, sonoridades, ritmos, narratividades, descrição, personagens, símbolos, ambiguidades e alegorias, os mitos e outras propriedades.

Da literatura faz parte a narrativa, o drama, o poema. Diz *Poema* o texto escrito em versos. E *narrativas* a ficção do conto, da novela, e do romance. Entende-se por “drama” o texto escrito para ser representado no palco de teatro. Chamam-se narrativas um processo em que determinados seres inventados (personagens) exercem certa ação (enredo), articulada no tempo e num “ambiente”. Por poema conta-se o texto escrito nas linhas chamadas versos, que deleitam e comovem, com métrica e ritmo, rimas e outras sonoridades, imagens ou conteúdos da imaginação, emoções de um “eu” lírico (mas existe o “poema em prosa”).

2.1 Gêneros literários

Podemos perceber que a literatura é a arte que se manifesta pela palavra, seja ela falada ou escrita. Quanto à forma, o texto pode oferecer em prosa ou verso. Essas formas podem ser classificadas em três grandes grupos, denominados gêneros literários. Quanto ao conteúdo, estrutura e, segundo os clássicos, conforme a maneira da imitação podem enquadrar as obras literárias em três gêneros: a lírica, o dramático e o épico.

O conceito de gênero literário tem sofrido múltiplas variações históricas desde a antiguidade helênica até nossos dias e permanece como um dos mais árduos problemas da estética literária. O problema dos gêneros literários conecta-se intimamente com outros problemas de fundamental magnitude, como as relações do individual e do universal, as relações entre visão do mundo e forma artística, a existência ou

inexistência de regras O Gênero épico *apresentativo*, narrativo, se faz por acréscimo de partes, conta uma história, apresenta fatos, com adição de cada parte. Modernamente é o que ainda faz o romance (SILVA e Aguiar, p. 205).

Segundo Samuel (Samuel, P. 37) gênero lírico, musical e subjetivo, conta e embala, fala de si e quase sempre para si mesmo. Suave, tende a um isolamento; forma em que o escritor é mais subjetivo. O Gênero épico *apresentativo*, narrativo, faz-se por acréscimo de partes, conta uma história, apresenta fatos, com adição de cada parte. Modernamente é o que ainda faz o romance.

O gênero Dramático, o gênero das emoções fortes, do teatro do grande público, da multidão, dos oradores políticos, dos discursos nas praças públicas, do debate na TV apela para o público, mobiliza-o, passa eletricidade, empolgação, emoção. Na tragédia vai às lágrimas. Na comédia, solta gargalhada (SAMUEL. 2007 p.37).

Essa separação tradicional em três gêneros literários originou-se na Grécia clássica, com Aristóteles, como a poesia era a forma dominante de literatura. Por nos parecer mais didática, abraçamos uma divisão em quatro gêneros literários, desmembrando do épico o gênero narrativo, para combinarem-se as narrativas em prosa.

Na *arte poética*, o filósofo Aristóteles (384-322 a. C.) trata da poesia segundo os meios, objeto e modo da imitação. Ou seja, dos gêneros. A epopeia, a poesia trágica, a comédia e formas da poesia que se utilizam do ritmo, da linguagem e da harmonia para produzir a imitação. Segundo filósofo, nós temos uma instintiva tendência à imitação. É pela imitação que adquirimos nossos primeiros conhecimentos, e na imitação experimentamos prazer. O conhecimento constitui um “sabor”, isto é, um saber. Sentimos prazer em ver as imagens que reproduzem os homens, e quanto mais perfeito a execução, maior o prazer. Outra tendência natural esta no gosto pelo ritmo e pela harmonia (ROGEL Samuel 2007, p.37).

O gênero é um dos conceitos teóricos mais antigos na história da crítica literária, apesar de sua genealogia histórica longa a teoria dos gêneros não foi ainda resolvida pela crítica até dia hoje.

Segundo Silva Horácio concebe o gênero literário como correspondendo a certa *tradição formal* e sendo simultaneamente caracterizado por um determinado *tom*. A estética do classicismo Francês aceita substancialmente a noção de gênero literária elaborada pelo aristotelismo e pelo horacianismo da Renascença. O gênero é concebido

como uma espécie de essência eterna, fixa e imutável, governada por regras específicas e igualmente imutáveis. A regra da unidade de tom é cuidadosamente observada, mantendo-se uma distinção nítida entre os diferentes gêneros. Cada um possuía os seus assuntos próprios, o seu estilo e os seus objetivos peculiares, devendo o poeta esforçar-se por respeitar estes elementos em toda a sua pureza (SILVA e AGUIAR, 1976 p. 210).

A princípio dos gêneros literários formados pela estética da Renascença e do classicismo francês não se estabeleceu de modo unânime e, tanto no século XVI como no século XVII, multiplicaram-se as polémicas em torno dos problemas da existência e do valor dos gêneros.

Para Silva e Aguiar (1976 p. 212-213) tal polémica partiu muitas vezes de autores que hoje consideramos barrocos e envolviam não só o problema dos gêneros, mas também o problema das regras, visto que estes dois aspectos se revelam intimamente conexados. Enquanto o classicismo francês advoga as regras e concebe o gênero como uma entidade eterna, imutável e rigorosamente delimitada, o barroco aspira a uma maior liberdade artística, desconfia das regras inflexíveis, concebe o gênero literário como uma entidade histórica, passível de evolução, admite a possibilidade de criar gêneros novos e advoga o hibridismo dos gêneros (tragicomédia é um gênero dramático caracteristicamente barroco).

Os “modernos”, reconhecendo a existência de uma evolução nos costumes, nas crenças religiosas, na organização social, etc., defendem a legitimidade de novas formas literárias, diferentes das dos gregos e latinos, aceitam que os gêneros tradicionais, como o poema épico, possam revestir novas modalidades, e chegam ainda a afirmar a superioridade das literaturas modernas em relação às letras Greco-latinas.

Para os contemporâneos, as regras estabelecidas por Aristóteles e por Horácio não representam normas válidas intemporalmente, formando antes um corpo de normas indissolúvelmente unido a uma determinada época da história e a uma determinada experiência literária.

Teoria do gênero contemporânea, por sua vez, evita os julgamentos de valores (sobre o que é melhor), e procura descrever os gêneros em suas inter-relações. Seu

ponto de partida foi o Romantismo, que enfatizou a individualidade e insistiu no trabalho literário como expressão da sensibilidade do autor. No século XIX, o determinismo desenvolveu suas teorias biológicas da evolução de gêneros, com Brunetiére (1890). Este modelo evolutivo permaneceu de uma forma ou de outra, como explicação da mudança histórica (SAMUEL. 2007 p. 44-45).

2.1.1 Prosa

“Prosa” é a maneira de escrever que é mais aproximado da linguagem falada, dos diálogos do cotidiano. Suas linguagens são completas, bem estruturadas e costumam ser mais regradas além de buscar nitidez. Livros didáticos, romances, novelas, contos, jornais, bulas de remédios, textos científicos, e muitos outros textos similares são escritos em prosa.

Muito mais complexo que o problema das formas poético é o das formas em prosa. Primeiro, porque não se trata apenas de descrevê-las. Segundo, porque constitui problema ainda aberto e de notória atualidade. A caracterização e o histórico das formas poéticas pertencem à retórica tradicional, enquanto a distinção e a análise das formas em prosa constituem questões da moderna teoria literária.

Antes de do século XVIII, quase tão somente a poesia é que interessava aos teóricos da Literatura, que entediam por poesia a lírica, a épica, e o drama (Massaud 1967, p.19).

O “verso”, por sua vez, tem uma estrutura própria, particular. É uma forma de produzir textos que valoriza muito o ritmo e tende a estabelecer padrões quanto ao número de sílabas dos versos e sonoridade. Muitas vezes possui rima, mas é bom que se saiba que esta não é obrigatória. O verso é o modo próprio de se escrever poesia e canções. “Verso” também é o nome que se dá a cada “linha” do texto poético ou canção Segundo Massaud (1967, p. 38) a prosa orienta-se até certo ponto em sentido contrário ao da poesia. A poesia e a prosa se apresentam numa séria de aspectos. Na poesia o sujeito, o “eu”, volta-se para dentro de si, fazendo-se ao mesmo tempo espetáculo e espectador. A prosa, todavia, inverte completamente essa equação. Com efeito, a prosa é a expressão do “não eu”, do objeto.

2.1.2 Novela

Na literatura em língua portuguesa, a principal distinção entre novela e romance é quantitativa: vale a extensão ou o número de páginas. Porém, podemos perceber características qualitativas: na novela, temos a valorização de um evento, um corte mais limitado da vida, a passagem do tempo é mais rápida e, o que é mais importante, na novela o narrador assume uma maior importância como contador de um fato passado.

Segundo Massaud (1965, p. 123) a palavra “novela” remota possivelmente ao Italiano *novella*, que, por sua vez, teria origem na forma latina *novella*, de *novellus*, a, *um*, adjetivo diminutivo original de *novus*, a, *um*. Do sentido de “novo”, “incipiente”, a palavra derivou para “embaraçado”, “enredado”. Substantivado e adquirindo denotação especial, durante a Idade Média acabou significando “enredo”, “entrecho” e daí “narrativa enovelada”, “traçada”.

Nesse sentido a palavra “novela” passou para outras línguas. Literariamente o termo por sua vez é empregado de modo imperfeito, pois marcaria, ao ver de alguns, as Narrativas que encerram entre 100 e 200 páginas.

Entendida segundo os parâmetros em que nos movemos à novela já era cultivada, de forma elementar, na Antiguidade Greco-latina. Mesclando o relato verídico ao fantástico ou mítico, e apelando para o lirismo ou para digressões oratórias e retóricas, a ficção clássica serviu de berço a novela bem como a outras modalidades literárias medievais.

A novela e história necessariamente ocupa situação de relevo menor que o do conto e o romance. Identificada como as manifestações populares de cultura, sempre obedeceram a um desejo de aventura e fuga realizado com mínimo de profundidade e o máximo de anestésio. Constituiu-se numa série de uniões ou células dramáticas conectadas entre si. Assim sendo, a primeira característica estrutural da novela é a sua pluralidade dramática.

Segundo Massaud (1965 p. 130) cada unidade tem fim em si próprio, o que quer dizer que apresenta começo, meio e fim.

O tempo na novela sofre metamorfose a fim de habituar-se ao panorama dramático que se abre diante do ficcionista e do leitor. Não mais como no conto, a unidade temporal. O narrador torna-se, agora, dono do tempo.

Para Massaud (1965 p. 131), o novelista pode acompanhar, mas não acompanha a personagem desde o nascimento até a morte. Como lhe interessam os momentos em que ela atua no centro da situação dramática, o novelista reduz-lhe o passado a umas poucas linhas, aquilo que se vincula diretamente com o drama e ajuda a compreender-lhe o comportamento.

O tempo da novela é cronológico, no geral tudo corre dentro duma ordem horizontal, linear, que implica conexão de fatos segundo uma causalidade rígida e flexível.

A estrutura da novela é idêntica do conto, “objetiva”, “plástica”, “horizontal”. Narrativa na terceira pessoa, em que o escritor se isenta absolutamente dos fatos, ou presta a uma personagem o direito de fazê-lo, a história que se conta toma o primeiro plano.

A semelhança do conto nalguns momentos, a linguagem da novela caracteriza-se pelo emprego de metáforas diretas, simples, enxutas. O narrador vai diretamente ao ponto que lhe interessa, sem deter-se em atalhos ou digressões. A linguagem não deixa subentendidos, não guarda segundas intenções: o mistério, quando se ergue, oferece-se francamente ao conhecimento do leitor (Massaud. 1965 p. 133).

2.1.3 Romance

Narração de um acontecimento imaginário, mas verossímil, que representa quaisquer aspectos da vida familiar e social do homem. Comparado à novela, o romance proporciona um corte mais aberto da vida, com personagens e situações mais densas e complexas, com passagem mais lenta do tempo. Dependendo da importância dada ao personagem ou a ação ou, ainda, ao espaço, podemos ter romance de costumes, romance psicológico, romance policial, romance regionalista, romance de cavalaria, romance histórico, etc.

A palavra “romance” deve ter-se originado de *romans* (vocábulo provençal), que deriva por sua vez da forma latina *romanicus*; ou teria vindo de *romanice*, que entrava na composição de *romanice loqui* (“falar românico”, isto é, o Latim estropiado no contato com os vários povos conquistados por Roma), em oposição à *latine loqui* (“falar latino”, isto é, a língua empregada na região do Lácio e arredores)

O *falar romance* passou a designar, no curso da Idade Média, as línguas usadas pelos povos sob domínio romano, em lenta, mas inexorável autonomização. Com o tempo, a expressão passou a indicar a linguagem do povo em contraste com a dos eruditos (Massaud. 1965 p. 149).

Vimos que o romance e a epopeia oferecem muitas afinidades, que decorrem do fato de ambos procurem dar uma percepção totalizante do Universo. O romance substitui, nos dias que correm as antigas epopeias. Trata duma substituição atual, pois data de pouco mais de 150 anos, contemporaneamente ao advento do Romantismo, que atribuiu ao romance sua estrutura, função e sentido dentro das sociedades modernas.

O romance é uma visão macroscópica do Universo em que o escritor procura compreender o máximo captável por sua visão de mundo.

O lugar dos acontecimentos é outro aspecto, profundamente ligado ao anterior: o romance caracteriza-se pela pluralidade geográfica. O romancista, sendo demiurgo, assenhoreia-se completamente da geografia em que se passam os lances da história que narra.

2.1.4 Conto

A palavra conto deriva do termo latino *compūtus*, que significa “conta”. O conceito faz referência a uma narrativa breve e fictícia. A sua especificidade não pode ser fixada com exatidão, pelo que a diferença entre um conto extenso e uma novela é difícil de definir. Um conto apresenta um grupo reduzido de personagens e um argumento não demasiado complexo, uma vez que entre as suas características aparece à economia de recursos narrativos. Isso não significa que ele seja uma forma narrativa sempre mais simples que os romances. Existem contos literários bastante complexos.

A palavra “conto”, em suas respectivas diferenciações, só é usada em Espanhol e Francês, respectivamente *cuente* e *conte*. Em inglês, concorrem as palavras *short-story*, para o caso de narrativa de caráter eminentemente literário, e *tale*, para o caso de outros contos populares e folclóricos. Em alemão, usa-se *Novelle* e *Erzahlung*, no sentido de *short-story*, e *Marchen* no sentido de *tale*. Em italiano, *novelle* e *racconto* (MASSAUD 1968, p. 95-96).

Pelo que se pode saber, é desconhecida a origem de conto. No tocante aos seus aspectos históricos literários, o conto, por suas características estruturais, parece ter-se

constituído em verdadeira matriz das demais formas literárias. Se não tudo quanto veio a ser gênero, espécie e formas literárias, ao menos deve ter tido matriz da prosa de ficção, e, quem sabe, da própria historiografia (Massaud. 1965 p.96).

Alguns estudiosos fazem recuar o aparecimento do conto para uma era histórica alguns milhares de anos antes do nascimento de Cristo como informa Moisés Massaud (1965, p. 96). Apontam o conflito de Caim e Abel como exemplar de conto.

Podemos perceber que o conto literário, por sua vez, está associado ao conto moderno. Trata-se de relatos inventados por escrito e transmitidos da mesma forma. Apesar de a maioria dos contos populares não apresentarem um autor diferenciado, o caso dos contos literários é diferente, já que o seu criador costuma ser conhecido. Entretanto, o que caracteriza o conto é a sua brevidade, o que leva o escritor a hierarquizar os fatos a serem narrados de forma a provocar no leitor um efeito marcante.

A forma curta do conto provém de um motivo interno a sua construção, o contista deve concentrar efeito para ocasionar um determinado impacto no leitor. Toda a construção da narrativa direciona-se para propiciar esse efeito. No romance, ao contrário, o narrador apresenta uma visão mais totalizadora, onde não deve “faltar nada” (Benjamin Abdala Junior 1995, p.18).

Em Língua Portuguesa, no século XIX surgem alguns contistas de superior gabarito: em primeiro lugar, Machado de Assis, autor duma grande quantidade de contos, alguns dos quais autênticas peças únicas, como “Missa do Galo”, “O Alienista”, “Uns Braços”, “A Cartomante”, etc. Além dele, merece especial relevo Fialho de Almeida e Eça de Queiros, seguidos de Alexandre Herculano, Rebelo da Silva, Júlio Dinis, Conde de Arnoso, Teixeira de Queiros e outros.

3. Breve relato histórico da Guiné-Bissau desde a pré-história até os dias atuais

3.1 Pré-história

Segundo historiadores durante a pré-história o País era habitado por povos florestais e as primeiras evidências da vida humana (ferramentas e outros produtos manufaturados) foram descobertas na África Ocidental, incluindo na Guiné-Bissau, 200.000 anos A.C. Estes produtos manufaturados são atribuídos à *Homo erectus*, o antecessor de *Homo sapiens* (homem contemporâneo).

3.2 A época antes da colonização

A história da região que hoje corresponde geopoliticamente a Guiné-Bissau quase se confunde com a dos reinos mandingas. Os Mandingas, etnia muçulmana, vindos do Alto Níger, constituíram o Império de Mali e estendiam-se por uma imensa área na parte ocidental interior africana. Um dos últimos imperadores, Kankou Moussa, famoso por seu poder e riqueza, empreendeu uma peregrinação a Meca no início do século XIV, um sinal de sua autoridade e de sua inserção no mundo muçulmano, feito digno de nota dada as dificuldades de locomoção naquela época longínqua. O império de Mali estava estreitamente ligado ao de Kaabú (cujas capital era Kansala hoje se chama Gabu), formado justamente a partir da expansão do primeiro. Um de seus guerreiros, Tiramankan Traore, parece estar envolvido com a fundação do Estado *Kaabunké*, nas planícies da Alta Costa da Guiné (Lopes, 1989, p.6). Os Mandingas, vindos do interior da África, expandiram-se através de invasões, submetendo pouco a pouco outros grupos, deslocando-os para a costa e impondo sua supremacia. O poder desses povos islâmicos conheceu o apogeu nos séculos XIII e XIV, dominando várias etnias que cultivavam os antepassados e as foras da natureza, povos que praticavam um regime comunitário acéfalo, sem poder estatal, sem hierarquia, e que guardaram, apesar de tudo, suas culturas originais (com os *Balantas*, os *Manjacos*, os *Bijagó*), ou em parte também se islamizaram, como foi o caso dos *Beafada*. Essa grande influência ou, em alguns casos, até mesmo absorção, é conhecida como *malinkização* ou *mandinguização*. Nos séculos XV e XVI, começou a expansão dos povos *fula* ou *fulbe* (chamados pelos ingleses de *Fulani* e pelos franceses de *Peul*), igualmente muçulmanos, que até o século

XVIII estavam sob a dominação mandinga. Espalharam-se pela Guiné, principalmente durante o século XIX, sobretudo depois da conquista de *Kansala*, em 1867, destruindo o reino de *Kaabú* e estabelecendo a supremacia das Fulas na região (Lopes, p. 19-21).

3.3 A Geografia

A Guiné-Bissau situa-se na costa ocidental africana, estendendo-se do *Cabo Roxo a Ponta Cagente*. Apresenta uma parte continental e uma parte insular constituída por um cordão de ilhas que são separadas do continente pelos canais de *Geba*, *Bolama*, *Pedor Ávares* e *Canhabaque*. Essas ilhas formam o Arquipélago de Bijagós e, dentre elas destacam-se as maiores, denominadas *Formosa* e *Orango*.

A Guiné-Bissau faz fronteira ao norte com o Senegal; a oeste, com o oceano Atlântico; a leste e ao sul, com a Guiné Francesa. Ocupa uma área de 36.125 quilômetros quadrados, dos quais apenas 28.000 quilômetros quadrados se encontram permanentemente emersos, pois o território restante é, periodicamente, coberto pelas marés cheias. No litoral bastante recortado, desembocam quatro rios importantes: o *Cacheu*, o *Mansoa*, o *Geba* e a *Corubal*. Os dois últimos, os maiores do território, unem-se num largo estuário, em cuja margem direita fica a cidade de Bissau, capital do país. A pesca aí é muito rica, pois o encontro das águas doces e salgadas é propício a uma enorme variedade de peixes.

A Guiné-Bissau encontra-se dividida administrativamente em nove (9) regiões, a saber: *Bafatá*, *Biombo*, *Bissau*, *Bolama-Bijagós*, *Cacheu*, *Gabú*, *Oio*, *Quínara* e *Tombalí*. Cada região está subdividida em sectores, num total de trinta e oito (38), que por sua vez se estruturam em tabancas, calculadas em mais de três mil.

3.3.1 Região de Bafatá.

A Região de Bafatá fica situada no Leste da Guiné-Bissau, fazendo fronteira com as Regiões de Gabú, Oio, Quinara e Tombali. Tem uma superfície de 5.981 Km² e uma população de 182.958 habitantes.

A capital da Região é **Bafatá**

Os sectores que compõem a Região de Bafatá são:

Bafatá	População em 2004: 58.956 habitantes
Bambadinca	População em 2004: 41.501 habitantes
Contubuel	População em 2004: 23.861 habitantes
Galomaro	População em 2004: 29.846 habitantes
Gamamudo	População em 2004: 12.584 habitantes
Xitole	População em 2004: 16.210 habitantes



3.3.2 Região de Biombo

A Região de Biombo fica situada no Centro da Guiné-Bissau, fazendo fronteira com as Regiões de Bolama/Bijagós, Bissau, Cacheu e Oio. Tem uma superfície de 840 Km² e uma população de **63.835** habitantes.

A capital da Região é **Quinhamel**

Os sectores que compõem a Região de Biombo são:

Prábis	População em 2004: 12.312 habitantes
Quinhamel	População em 2004: 36.604 habitantes
Safim	População em 2004: 14.919 habitantes



3.3.3 Sector Autônomo de Bissau

Bissau é a capital da República da Guiné-Bissau. Tem o estatuto de uma Região e é denominada Sector Autônomo de Bissau dada a sua particularidade política, econômica e social. Faz fronteira com as Regiões de Biombo e Quinara. Tem uma superfície de 78 Km² e uma população de 354.983 habitantes.



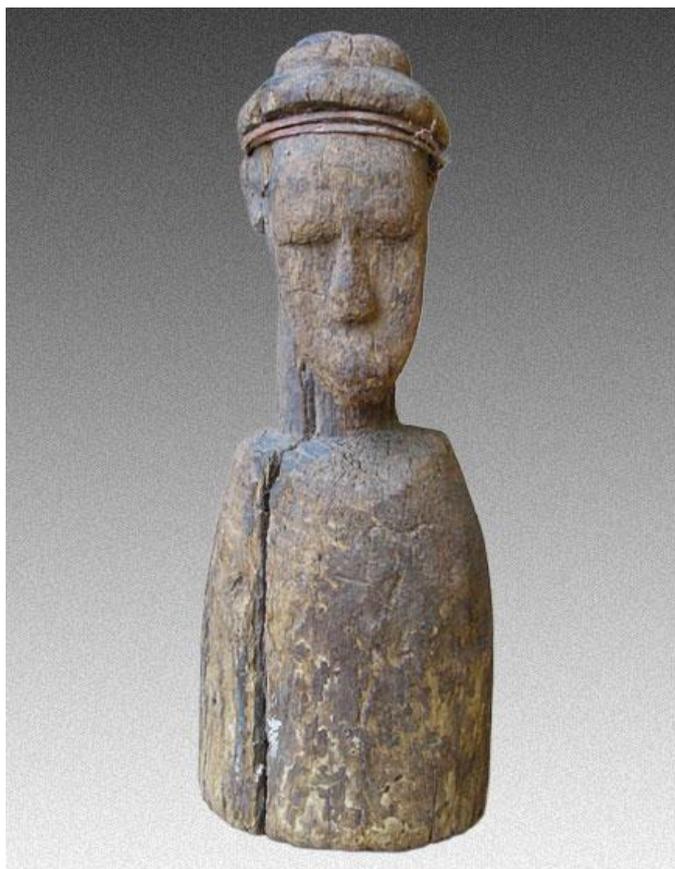
3.3.4 Região de Bolama/Bijagós

A Região de Bolama/Bijagós fica situada no Sudoeste da Guiné-Bissau, fazendo fronteira com as Regiões de Biombo, Quinara e Tombali. Tem uma superfície de 2.624 Km² e uma população de 27.958 habitantes.

A capital da Região é Bolama

Os sectores que compõem a Região de Bolama/Bijagós são:

Bolama	População em 2004: 9.188 habitantes
Bubaque	População em 2004: 8.260 habitantes
Caravela	População em 2004: 10.510 habitantes
Uno	População em 2004: 0



3.3.5 Região de Cacheu

A Região de Cacheu fica situada no Noroeste da Guiné-Bissau, fazendo fronteira com as Regiões de Biombo e Oio. Tem uma superfície de 5.175 Km² e uma população de 164.677 habitantes.

A capital da Região é Cacheu

Os sectores que compõem a Região de Cacheu são:

Bigene	População em 2004: 42.148 habitantes
Bula	População em 2004: 21.381 habitantes
Cacheu	População em 2004: 41.509 habitantes

Caió	População em 2004: 18.042 habitantes
Canchungo	População em 2004: 13.939 habitantes
São Domingos	População em 2004: 27.658 habitantes



3.3.6 Região de Gabú

A Região de Gabú fica situada no Leste da Guiné-Bissau, fazendo fronteira com as Regiões de Bafatá e Tombali. Tem uma superfície de 9.150 Km² e uma população de 178.318 habitantes.

A capital da Região é Gabú

Os sectores que compõem a Região de Gabú são:

Boé	População em 2004: 11.750 habitantes
Gabú	População em 2004: 29.676 habitantes
Pirada	População em 2004: 38.838 habitantes
Pitche	População em 2004: 57.154 habitantes
Sonaco	População em 2004: 40.900 habitantes



3.3.7 Região de Oio

A Região de Oio fica situada no Norte da Guiné-Bissau, fazendo fronteira com as Regiões detá, Biombo, Cacheu e Quinara. Tem uma superfície de 5.403 Km² e uma população de 179.047 habitantes.

A capital da Região é Farim

Os sectores que compõem a Região de Oio são:

Bissorã	População em 2004: 50.774 habitantes
Farim	População em 2004: 41.842 habitantes
Mansabá	População em 2004: 32.122 habitantes
Mansôa	População em 2004: 33.548 habitantes
Nhacra	População em 2004: 20.761 habitantes



3.3.8 Região de Quinara

A Região de Quinara fica situada no Sul da Guiné-Bissau, fazendo fronteira com as Regiões de Bafatá, Bissau, Bolama/Bijagós, Oio e Tombali. Tem uma superfície de 3.138 Km² e uma população de 52.134 habitantes.

A capital da Região é Fulacunda.

Os sectores que compõem a Região de Quinara são:

Buba	População em 2004: 12.095 habitantes
Empada	População em 2004: 15.422 habitantes
Fulacunda	População em 2004: 8.256 habitantes
Tite	População em 2004: 16.361 habitantes



3.3.9 Região de Tombali

A Região de Tombali fica situada no Sul da Guiné-Bissau, fazendo fronteira com as Regiões de Bafatá, Bolama/Bijagós, Gabú e Quinara. Tem uma superfície de 3.736 Km² e uma população de 91.930 habitantes.

A capital da Região é Catio

Os sectores que compõem a Região de Tombali são:

Bedanda	População em 2004: 38.979 habitantes
Cacine	População em 2004: 16.287 habitantes
Catió	População em 2004: 23.872 habitantes
Quebo	População em 2004: 12.792 habitantes



A paisagem da Guiné-Bissau é singular, envolvendo o azul do mar e a vegetação costeira. Fernando Rogado Quintino faz uma exótica e romântica descrição desse litoral:

Situa-se a Guiné na costa ocidental da África, precisamente a meia distância entre trópico de Câncer e o Equador. Quem a alcança de madrugada, pelo mar, ao enfiar pelo canal de *Caió*, presente no céu o morrinho reflexo da sua água lodosa – cínzea, prateada e verde, ao mesmo tempo. Momentos depois, já sob o raiar da aurora, descobre na linha do horizonte, no revérbero ondulante do mar, uns pontos negros, que depressa assumem formas de copas umbríferas. E, de repente, tudo se converte num maravilhoso, fantástico, parque florestal, emergindo dum charco. (...) Uma vegetação luxuriante, pletórica de seiva, define o recorte de uma terra baixa, cheirando a maresia.

Geralmente, navega-se com a maré cheia, com o mangal debruando a terra e deixando ver, aqui e além, por entre o emaranhado de sua folhagem, raízes suspensas.

Para além do mangal, escalonam-se matas cerradas de palmeiras, com a sua bela cabeleira, balouçando na aragem da manhã.

Franqueada a embocadura do estuário de *Geba*, uma hora mais tarde, avista-se Bissau, capital da província, na ilha de mesmo nome – ilha tão colada à costa que nem parece ser ilha! Por toda parte, verde, verde, verde! (...)

Uma parte do litoral, na maré cheia, afunda-se. O mar, como um gigantesco polvo, estende os tentáculos por entre rios, canais, enseadas e lagos.

Cerca de 8000 km² de terra – quase uma quarta parte da província – desaparecem, envolvidos pela água! Na vazante, o monstro recolhe os braços, lassos, como se acabasse de saciar seus instintos, no braço com a terra. O mar e a terra vivem, assim, em contínuo idílio. E das relações amorosas dos dois amantes, uma massa portentosa de vida orgânica surge: no mar, uma fauna imensa (...); na terra, miríades de plantas, absorvendo os elementos que o mar nela deposita (SECCO, Carmen Lucia Tindó Ribeiro. 1999 p. 206-207).

3.4 A História e a Cultura

Embora a Guiné-Bissau tenha uma extensão territorial bastante reduzida, apresenta uma complexidade étnica, linguística e cultural muito grande, pois, situada na costa ocidental africana, foi, através dos séculos, refúgios de numerosos povos que sofreram diferentes invasões. Hoje, segundo René Pélissier, a Guiné-Bissau é um “mosaico étnico”, uma “Babel negra”, em que existem de acordo com o professor brasileiro Hildo Honório do Couto, especialista em línguas crioulas da Universidade de Brasília, cerca de quinze idiomas africanos diferentes. Acreditou-se, durante muito tempo, que os povos da Guiné eram autóctones. São originários do *Sara*, tendo-se deslocado para sul e para o oeste, quando se alteram as condições climáticas do território.

As migrações das etnias guineenses têm de ser estudadas em conjunto com a história dos povos vizinhos. Quando os portugueses chegaram a Guiné-Bissau, no século XV, com as viagens de Nuno Tristão (1444) e Álvaro Fernandes (1446), a região já era habitada por vários grupos oriundos do interior do continente, provavelmente do vale do Níger. As várias etnias (*balanta, manjaco, bijagó, papel, mandinga, fula etc.*) viviam espalhadas por diversas áreas. As populações litorâneas estavam, em parte, submetidas aos *Farim mandingas* islamizados, oriundos do Mali. A partir do século XVI, fundaram-se feitorias portuguesas, cujo objetivo principal consistia no comércio de escravos, os quais eram exportados para as Américas e para as plantações de algodão e índigo em Cabo Verde.

Segundo René Pélissier (1997, p. 32-36), pelos recenseamentos de 1950, os principais grupos étnicos da Guiné-Bissau são:

a) os *BALANTAS*: cerca de 160.000; constituíram o coração animista mais compacto durante a conquista. Agricultores de arroz, criadores de gado, formavam uma sociedade sem régulos ou mesmo aldeias. Expansionistas, agressivos e ciosos de sua independência, reagiram aos portugueses até 1910, ocasião em que, com o apoio de mercenários muçulmanos, os conquistadores lusos, após vários massacres, conseguiram domina-los em parte. Não é por acaso que, durante a guerra de libertação, foram os *balantas* que formaram um grande contingente das tropas do P.A.I.G.C.;

b) os *FULAS*, *FULBÉ* ou *PEUL*: 107.000; constituem povos heterogêneos que ocuparam a Guiné por migrações, invasões e mestiçagem. Distinguem-se por várias designações: os *futa-fulas* originários da Guiné atual, que derrotaram os *mandingas*. Os *fulas-forros*, primos dos *futa-fulas*, que escravizaram os *mandingas* e os *fulanizaram*, ou seja, os islamizaram, tornando-os “*fulas se segunda classe*”, também chamados de “*fulas pretos*” ou “*fulas cativos*”. Algumas *fulas* conciliaram, por interesses próprios, com europeus, Frances e portugueses, tendo, portanto, em certos momentos da história da Guiné, compactuando com os colonizadores;

c) os *MANJACOS*: 71.000; etnia que habitava zona costeira entre rio Cacheu e Mansoa; caracterizaram-se por uma hostilidade a colonização e atuaram como verdadeiros piratas, defendendo o litoral por eles habitado;

d) os *PAPÉIS*: 36.000; os portugueses designavam, assim, os *manjacos* do interior que recusaram a colonização lusitana, oferecendo resistência aos mercenários (incluindo aí os *Fulas* e muçulmanos), os quais auxiliaram os colonizadores;

e) os *MANDINGAS*: 64.000; habitavam as savanas do norte; foram batidos pelos *fulas* e foram islamizados, lendo também pela cartilha do Corão e vestindo-se pelo figurino muçulmano;

f) os *BIJAGÓS*: 10.000; constituíam uma pequena etnia de marinheiros e agricultores; viviam pulverizados pelas ilhas; foram os últimos a se submeterem a colonização portuguesa, tendo atuando contra esta como verdadeiros piratas na defesa do litoral das ilhas que habitavam;

Há também na Guiné os *Banhuns*, os *Cassangas*, os *Biafadas* e os *Nalus*, que adotaram costumes *fulas e mandingas*, habitavam o litoral, mas viviam um pouco mais para dentro da costa, afastados das terras alagadas. Muitas das etnias guineenses

demonstram uma preocupação artística com a arquitetura de suas casas, algumas circulares, cobertas de colmo e com pinturas internas bastante decorativas.

Além dos grupos étnicos mencionados, população guineense também era constituída por mestiço luso-guineenses e por cabo-verdianos que se tornaram numerosos antes da independência e se insinuavam por incentivo da própria coroa portuguesa, na Administração da colônia, sendo os precursores dos assimilados locais.

A Guiné desde chegada dos portugueses em 1444 até 1879, sempre esteve ligada a Cabo Verde, sendo ela, portanto, como a designa René Pélissier, “uma colônia de uma colônia”. Conhecida, inicialmente, como Guiné de Cabo Verde, tornou-se um entreposto comercial a serviço do intenso tráfico negreiro que abasteceu de braços escravos a Américas e as plantações de algodão das ilhas cabo-verdianas.

O crioulo falado em Cabo Verde estabeleceu-se na Guiné como uma língua franca na zona do litoral; estendeu-se se tornando a língua materna de um grande número de guineense. Com a separação de Cabo Verde em 1879, foi-se diferenciando e, no início do século XX, já possuía características próprias.

Hoje, embora o português seja a língua oficial, é o crioulo (o *kriol*) que é empregado no dia a dia. Convivendo com muitas línguas africanas das diferentes etnias (das quais as mais faladas são o *mandinga* e o *fula*), tem um papel importante, na medida em que é a língua utilizada por toda a “língua da união nacional”. Seu crescimento ocorreu principalmente na época das guerrilhas, tendo funcionado como forte instrumento de mobilização popular, de comunicação interétnica e de afirmação identitária.

O descaso da administração portuguesa em relação à Guiné retardou o seu desenvolvimento e a sistematização de sua literatura. A penetração lusitana se fez lentamente. Havia frequentes revoltas das populações nativas do litoral. No século XIX, os comerciantes lusos obtiveram territórios por compra aos reis negros. Um desses comerciantes teve de se comprometer a pagar um tributo mensal ao rei *Intim* para que a etnia dos *Papeis* não atacasse a guarnição de Bissau. Só após a Conferência de Berlim (1885), as atuais fronteiras foram delimitadas. Mas, mesmo assim, as campanhas de Teixeira Pinto, em 1912-1915, é que efetivou a ocupação no interior e, apenas em 1936, os *bijagós* foram totalmente submetidos. Constituída como uma colônia de comércio, a Guiné não recebeu da metrópole infraestrutura para o desenvolvimento cultural, tanto que, somente em 1920, surgiu o primeiro jornal e, em 1949, foi fundado o primeiro liceu na Guiné. Segundo a Professora Inocência Mata:

Território subordinado (...) a Cabo Verde, só em 1879 é que *Bolama*, no arquipélago dos *Bijagós*, então transformada na capital da colônia, é dotada de uma tipografia visando à instauração da imprensa na “*Guiné Portuguesa*”. Não obstante isso, e a publicação do primeiro periódico, o *Boletim oficial da Guiné* (1880-1974), apenas 40 anos depois surgem o primeiro jornal na colônia, *Ecos da Guiné* (1920), a que se seguirão *A Voz da Guiné* e o *Pró-Guiné* (1924). Publicações pertencentes a portugueses radicados, a temática reportava-se a questões políticas que constituíam preocupação na época, a saudade da terra-mãe e o desenvolvimento da apologia colonial (SECCO. Carmen Lucia Tindó Ribeiro, 1999 p. 207-210).

O primeiro jornal dirigido por um guineense foi *Comércio da Guiné* (1930-31). Dentre os colaboradores, figuravam vários cabo-verdianos letrados, entre os quais Faustino Duarte, Juvenal Cabral, pai de Amílcar Cabral, e outros. Havia por parte da administração colonial o incentivo a emigração dos cabo-verdianos para Guiné, pois eram vistos como agentes culturais a serviços da colonização portuguesa. Entretanto, surgiu daí a semente do nacionalismo guineense. Foi o *Comércio da Guiné* que conseguiu congrega algum guineense que, como observou Inocência Mata, “já começavam a nomear as diferenças, a formular críticas e a preocupar-se com o destino das populações nativas”.

Essa conscientização foi crescendo e, em 1956, fundou-se o P.A.I.G.C. (Partido Africano da Independência da Guiné e Cabo-Verde), presidido por Rafael Barbosa e secretariado pelo grande Líder e poeta Amílcar Cabral, nascido na Guiné e criado em Cabo-Verde, cujos discursos e ações políticas levaram os guineenses e cabo-verdianos a lutarem pela independência, cuja proclamação, entretanto, não pôde presenciar, pois foi assassinado em *Conacry*, em 20-1-73.

A opressão colonial, no final dos 1950 e inícios dos 1960, causavam fortes descontentamentos e os massacres de 50 trabalhadores, ocorrido no cais de *Pidjiguiti*, em Bissau, em 3/8/1959, desencadeou, em 1963, a luta pela libertação que durou até 24 de setembro de 1973, quando foi proclamada a independência da República da Guiné-Bissau, em *Boé*, reconhecida pelos portugueses apenas em 10 de setembro de 1974, ocasião em que Cabo-Verde também se libertou do jugo colonial português no dia 5 de julho de 1975.

3.5 O Período Pós-independência

Após a conquista da independência, a estrutura administrativa colonial do novo Estado Guiné-Bissau sofreu uma profunda reformulação. O território foi dividido em oito regiões, um setor autônomo, 38 setores e várias seções administrativas. Politicamente, o país, como os demais PALOP, ficou sob forte influência dos países socialistas, dos quais recebeu massiva ajuda. O primeiro Presidente da República da Guiné-Bissau foi Luis Cabral, um dos principais líderes da resistência anticolonial, chefe militar que comandou uma parte do exército guerrilheiro, figura carismática e de grande respeito no seio dos revolucionários. Entretanto, sua gestão foi marcada por muita instabilidade e uma série de assassinatos de líderes antes irmanados na luta. O país conheceu sua primeira grande crise que culminou com a deposição do Presidente Luis Cabral, que governou até 14 de novembro de 1980, quando um golpe de Estado, tendo como justificativa salvaguardar a unidade nacional e os ideais revolucionários, o derrubou, em nome do que foi chamado eufemisticamente de “movimento reajustador”, liderado pelo então Primeiro-Ministro João Bernardo “Nino” Vieira, um dos principais estrategistas da luta libertária, guerrilheiro legendário, herói nacional igualmente carismático, um dos braços fortes do P.A.I.G.C. Logo depois de sua posse, deu-se a já previsível separação da Guiné e do Cabo Verde (1981). A constituição foi dissolvida e uma junta militar de nove membros, sob a chefia de Nino Vieira, passou a dirigir o país até a promulgação de uma nova constituição, em 1984. Essa mudança foi reflexa da crise político-estrutural que estava gravando desde os primeiros anos da descolonização e era indicador do profundo fosso, tanto político como econômico, que se estava abrindo entre a cidade e o campo, isto é, entre elite pequeno-burguesa detentora do poder e os produtores camponeses, sobre cujos ombros pesaram os maiores sacrifícios durante os longos anos de luta, mas que continuavam sem representação política e relegados à própria sorte. Essa elite era em parte constituída por cabo-verdianos, o que crescia as insatisfações. O novo governo prometia estabelecer uma política rural condizente com os interesses e necessidades locais e se propunha a refrear a onda de modernização, uma das prioridades do governo anterior que se empenhou no fomento a industrialização, iniciativa em princípio boa, mas que resultou megalômana, ultrapassando a demanda e as possibilidades da recém-fundada república, evidenciando-se como quimérica, criando “novos fantasmas no mato” (Padovani, 1991, p.3), instalações industriais e conjuntos de processamento de produto da terra, em enorme escala, muito além da demanda local.

Segundo Augel. Moemia Parente a primeira década desse segundo governo foi marcada por tensões de ordem tribalista que, sem a liderança de Amílcar Cabral, se mostram difíceis de serem controladas. A 17 de novembro de 1986, as tensões se concretizaram, provocando uma série de prisões e de execução de líderes políticos, e seus governantes. O recente livro de Fernando Delfim da Silva relata com muitas particularidades todo esse conturbado período.

O governo era mantido como mão de ferro por um Partido-Estado, partido único, o PAIGC, força onipresente e onipotente, autointitulado representante da democracia revolucionária, coberto e legitimado pelas glórias da libertação. Aos poucos, na sequência de uma tímida liberalização econômica, o país conheceu a abertura política: o pluralismo partidário foi implantado a partir de 1991, processo que durou alguns anos, período em que se ensaiou uma oposição finalmente tolerada, culminando, em agosto de 1994, nas primeiras eleições legislativas e presidenciais. O antigo Presidente João Bernardo Vieira foi eleito com uma estreitíssima maioria de votos no segundo turno das eleições presidenciais, não se verificando nenhuma alternância no poder. A situação socioeconômica, embora melhorado de 1995 a 1996, começou a deteriorar-se em 1997, com o início das greves do pessoal da educação, da saúde e dos funcionários públicos que protestavam, designadamente, contra o desaparecimento dos fundos da ajuda internacional ao desenvolvimento nas mãos do governo, em Junho de 1998, uma revolta das forças armadas estourou e uma Junta militar, chefiada por Ansumane Mane, Chefe das Forças Armadas instalou-se.

A Junta militar tinha o suporte de uma maioria da população enquanto o governo foi apoiado por forças enviadas dos dois países vizinhos (Senegal e República da Guiné). Os combates eram violentos e cerca de 300.00 foram deslocadas. Bissau era uma cidade fantasma com os cidadãos tenta fugir do país ou pôr-se ao abrigo nas zonas rurais e nas ilhas.

Em agosto de 1998 uns cessar o fogo foi declarado, mas em Outubro de 1998, os combates retomavam. Em Maio de 1999, a Junta ganhava o conflito e após ter exilado Nino Vieira em Portugal, instalou Malam Bacai Sanhá, anteriormente Presidente da Assembleia, como o Presidente temporário. 16 de Janeiro de 2000, Kumba Yalá do Partido da Renovação Social (PRS) foi eleito como Presidente da República após eleições transparentes realizadas em Novembro de 1999. No entanto, as tensões entre

ele e as forças armadas desembocaram na morte na zona de *Quinhamel*, a 40 de km de Bissau, de Ansumane Mane que se havia autodeclarado chefe supremo das forças armadas.

Durante os anos seguintes, a paz foi globalmente mantida com apenas uma interrupção em Novembro de 2000, mas a vida política era marcada por uma instabilidade governamental. Na sequência da dissolução da Assembleia Nacional Popular em Novembro de 2000 pelo Presidente, este último nomeou um governo de iniciativa presidencial, responsável pela gestão dos negócios correntes e a preparação de eleições. A vida política, então, era marcada por uma contestação permanente da oposição e uma situação conflituosa no plano jurídico – institucional onde surgiam acusações ligadas ao controlo dos meios de comunicação, as intimidações de oponentes, a não promulgação da nova Constituição, aprovada pela Assembleia Nacional Popular, e a nomeação pelo Presidente da República do presidente do Supremo Tribunal de Justiça.

É neste quadro bastante turbulência que 14 de Setembro de 2003, tivemos lugar o golpe de Estado que afastou Kumba Yalá do poder. Na sequência deste golpe, os militares, os partidos políticos e a sociedade civil adotaram a Carta de Transição Política. Desde então, as eleições legislativas foram realizadas a data prevista, o 28 de Março de 2004 e ganhas pelos PAIGC. Com a realização das eleições legislativas, a primeira face da transição política terminava.

As eleições presidenciais, que tiveram com os escrutínios de 19 de Junho (1ª volta) e 24 de Junho (2ª volta), proporcionaram a eleição de Nino Vieira ao cargo de Presidente da República. Isto após várias turbulências políticas das quais se salientam, de um lado, o levantamento militar de 6 de outubro de 2004 saldado, designadamente, pela morte do Chefe de Estado-Maior General das Forças Armadas (Viríssimo Seabra) e, do outro lado, a contestada admissão, pelo Supremo Tribunal de Justiça, das candidaturas as eleições presidências de Koumba Yalá e Nino Vieira. Assim, com essas eleições, registrou-se o fim da transição política e o regresso a normalidade institucional e constitucional do País.

3.6 Situação Social do País

A Guiné-Bissau não se equilibrou ainda. Tendo conquistado a independência política há pouco mais de três décadas, continua a figurar entre os dez países mais pobres do mundo. Segundo dados das Nações Unidas (2000), ocupam 169 lugares no conjunto de 174 países que fazem parte desta lista de países analisados em termos de *performance* de Desenvolvimento Humano. Os indicadores econômicos e sociais que geralmente são usados para avaliar os países segundo seu desenvolvimento atestam claramente a difícil situação em que a Guiné-Bissau se encontra, com 87% da população vivendo com menos de um dólar por dia. O rendimento per capita era de 233,9 dólares americanos em 1994, caindo para 192 dólares em 2002. Os salários são extremamente baixos, pagos além do mais com grande irregularidade. Com um salário de médio mensal, no serviço público, na ordem de 25 dólares americanos, a maior parte dos guineenses não tem condições de adquirir no fim do mês mais do que um saco de 50 quilos de arroz, base da alimentação da população. O índice de desemprego e subemprego é altíssimo, embora não haja dados estatísticos concretos a respeito. O número de empregos formais, fora do exército e do serviço público, não atinge a cifra de dez mil em todo o território nacional. Existe uma grande falta de quadros qualificados para o desenvolvimento do país, o qual, ao mesmo tempo, não oferece perspectivas profissionais para os indivíduos por falta de empregos e atividades nos setores secundário e terciário. O êxodo de talentos, assim chamado *brain drain*, é dramático.

A qualidade do ensino é talvez das mais fracas no continente africano. As cifras disponíveis variam muito, a depender da fonte consultada, e representam mui mais estimativas do que dados seguros. A taxa de analfabetismo foi calculada em 74%, atingindo de forma diferenciada os homens (59%) e as mulheres (82%). A taxa de escolaridade é muito baixa, sendo estimada em 54%, havendo uma clara diferença entre os gêneros: 68% dos meninos frequentam a escola contra apenas 38% das meninas. O número de professores com formação pedagógica e acadêmica é mínimo, predominando os professores leigos e com um precário preparo, até hoje, o ensino é efetuado na língua oficial do país, o português, que continua a ser desconhecido pela grande maioria da população. As inúmeras tentativas de se introduzir o ensino da língua guineense (o crioulo) pelo menos nas primeiras classes (como era feito no interior durante a luta de libertação) resultaram até agora infrutíferas.

Quando se deu a independência, o número de Guineenses com formação acadêmica não superava os quatorze, aos quais se somavam apenas mais dezessete com

formação média, o que mostra o deplorável estado de desinteresse de Portugal para com essa sua colônia. O comando das forças libertadoras se preocupou desde muito cedo com a formação de quadros, estabelecendo mesmo uma escola em regime de internato na vizinha República da Guiné para crianças guineenses, filhas de guerreiros (1965). Imediatamente depois da independência, muito jovens foram enviados com bolsas de estudo para outros países, sobretudo países socialistas com os quais eram mantidas estreitas ligações, mas também para a França e Inglaterra, para Cuba e mesmo para o Brasil e, com passar do tempo, igualmente para Portugal. O número de pessoas com formação universitária e uma excelente qualificação profissional hoje é grande, embora a maior parte dos formados não tenha permanecido na Guiné-Bissau, o que tem por consequência a falta de quadros qualificados para exercerem as funções-chaves para o desenvolvimento do país.

O país não conta até hoje com nenhuma livraria, há uma editora particular (Ku Si Mon), além da Editora Escolar, fundada e mantida pela cooperação sueca, que edita livros didáticos. Há uma gráfica do Estado e alguns poucos particulares, alguns jornais, nenhuma revista cultural.

Em 2004, começa a funcionar no país duas universidades, um oficial (a Universidade Amílcar Cabral) e outra particular (a Universidade Colinas de Boé), se bem que oferecendo até o momento só alguns poucos cursos. A afluência de estudante é imensa. Cresce com isso, a esperança de que o ensino superior possa contribuir para uma melhor formação dos quadros do país. Existe, desde alguns anos, uma Faculdade de Direito (cujo embrião data de 1980), apoiada por uma universidade portuguesa, e uma Escola de Medicina, apoiada, sobretudo por médicos cubanos. O Instituto Nacional de Estudo e Pesquisa é a única instituição que desenvolve estudos teóricos e aplicados na área das ciências políticas, econômicas e sociais. Não curso de formação técnica, e a formação de professores para curso elementares se faz numa única instituição (Escola Normal Superior Tchico Té).

A Guiné-Bissau prossegue em suas tentativas nem sempre bem sucedidas de encontrar um espaço próprio. Os infortúnios e os descabros acumularam-se durante esses trinta anos de “liberdade”, mas também é possível computar-se o enorme esforço por parte da população (e não só da *intelligentsia* nacional) em direção de uma mudança.

O país continua a viver a mercê das instituições financeiras estrangeiras, sobretudo das Nações Unidas – do Banco Mundial, do Fundo Monetário Internacional,

do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) – assim como da União Europeia e outras organizações internacionais. A ajuda bilateral, que já foi muitas, está cada vez mais restrita. A Suécia, por exemplo, que desde os tempos das lutas de liberação havia se engajado financeira e tecnicamente em prol do desenvolvimento do país, encerrou seu apoio, o mesmo acontecendo com a maioria dos projetos que constituíam praticamente, fora o Estado, a única fonte de empregos para os nacionais. Apesar de um aparente progresso – como, por exemplo, o moderno aeroporto internacional, o novo edifício da Assembleia Nacional, obra da cooperação chinesa; as pontes e estradas financiadas pela União Europeia – as infraestruturas básicas, sobretudo as da saúde e da educação, o abastecimento de água e de eletricidade, continuam restritas praticamente a capital e mesmo ali continuam sumamente deficiente.

3.7 Golpe de Estado

A 12 de Abril de 2012, uma ação militar levada a cabo por militares guineenses atacam a residência do ex-primeiro-ministro e candidato presidencial, Carlos Gomes Júnior presidente do *PAIGC*, e ocuparam vários pontos estratégicos da capital da Guiné-Bissau, alegando defender as Forças Armadas de uma alegada agressão de militares angolanos, que segundo o autodenominado Comando Militar, teria sido autorizada pelos chefes do Estado interino e do Governo. No entanto, no imediato o panorama é dos mais confusos quanto a atores e motivações. Enquanto a ONU, a União Africana e a União Europeia exigiram a restauração imediata da ordem constitucional, a *CEDEAO* impôs em 11 de Maio Manuel Serifo Nhamadjo, presidente da Assembleia Nacional, como Presidente Interino do país, com mandato para um ano.

4. EDUCAÇÃO

4.1 Educação pré-colonial.

A educação é o mecanismo através do qual uma sociedade produz os conhecimentos necessários a sua sobrevivência e a sua subsistência, transmitindo-os de

geração a outra, essencialmente, pela instrução dos jovens. Esta educação pode ter lugar, de maneira não institucionalizada, em casa, no trabalho ou em área de entretenimento. Em termos gerais, ela se desenrola em contexto de ensino organizado, naqueles lugares e estruturas especialmente concebidos para a orientação dos jovens e para formação das gerações mais anciãs. Os jovens são formados para adquirirem os conhecimentos, as competências e as aptidões, das quais necessitam, tanto para preservarem e defenderem as instituições e os valores fundamentais da sociedade, quanto para adaptarem-nos, em função da evolução das circunstâncias e do surgimento de novos desafios (AKLIU HABTE e TESHOME WAGAW, 2010 P. 817).

Uma sociedade oral reconhece a fala não apenas como um meio de comunicação diária, mas também como um meio de preservação da sabedoria dos ancestrais, venerada no que poderíamos chamar elocuições-chave, isto é, a tradição oral. A tradição pode ser definida, de fato, como um testemunho transmitido verbalmente de uma geração para outra. Quase em toda parte, a palavra tem um poder misterioso, pois palavras criam coisas. Isso, pelo menos, é o que prevalece na maioria das civilizações africanas. Os Dogon sem dúvida expressaram esse nominalismo da forma mais evidente; nos rituais constatamos em toda parte que o nome é a coisa, e que “dizer” é “fazer” (J.VAUSINA, 2010 P. 140).

A oralidade é uma atitude diante da realidade e não a ausência de uma habilidade. As tradições desconcertam o historiador contemporâneo – imerso em tão grande número de evidências escritas, vendo-se obrigado, por isso, a desenvolver técnicas de leitura rápida – pelo simples fato de bastar à compreensão a repetição dos mesmos dados em diversas mensagens. As tradições requerem um retorno contínuo à fonte. Fu Kiau, do Zaire, diz, com razão que é ingenuidade ler um texto oral uma ou duas vezes e supor que já o compreendemos. Ele deve ser escutado, decorado, digerido internamente, como um poema, e cuidadosamente examinado para que se possam apreender seus muitos significados – ao menos no caso de se tratar de uma elocução importante. O historiador deve, portanto, aprender a trabalhar mais lentamente, refletir, para embrenhar-se numa representação coletiva, já que o *corpus* da tradição é a memória coletiva de uma sociedade que se explica a si mesma. Muitos estudiosos africanos, como Amadou Hampate-Baou Boubou Hama muito eloquentemente têm expressado esse mesmo raciocínio (J. VAUSINA, 2010 P. 140).

Na África pré-colonial, como mostraram os volumes anteriores, estas competências eram asseguradas pelos diferentes sistemas de educação, conforme a região. Três sistemas principais reencontraram-se no continente: a educação autóctone, a educação islâmica e aquilo que se poderia qualificar como um sistema de educação afro-crista, referente às primeiras tradições cristas que sobreviveram na Etiópia e junto aos coptas do Egito. Estimando favorável sua contribuição para desvendar os mistérios do Corão e da Bíblia, as sociedades de tradição islâmicas ou afro-crista valorizavam a leitura, a escrita e a sua aprendizagem. Estas atividades, inclusive de modo tendencial, consistiam apanágio de dirigentes e padres, os dois grupos sociais mais respeitados (AKLIU HABTE e TESHOME WAGAW, 2010 P. 817).

Segundo Akliu e Teshome (2010 p. 818) durante o período colonial, negligenciou-se esta possibilidade, em detrimento de uma ênfase colocada sobre grupos bem mais restritos, formado por aqueles predispostos a lerem e escreverem as línguas europeias. Com efeito, era o domínio das línguas europeias que permitia o acesso aos empregos de entregadores, empregados de escritórios, artesãos, e por vezes e eventualmente, as profissões liberais. O nível de estudos alcançado no sistema de educação ocidental e o conhecimento de línguas europeias tornaram-se os novos critérios do “*status*” social, inseparáveis do nível salarial e do prestígio inerente ao cargo ocupado.

4.2 Educação colonial

Na Guiné-Bissau, o regime colonial não tinha intenção de instruir ou educar as populações subjugadas, mas pelo contrario, extrair do seu seio uma minoria de homens letrados, indispensáveis para o funcionamento do sistema colonial.

Em 1935, o modelo educacional ocidental marginalizara todos os sistemas pré-coloniais de educação. Este modelo privilegiava o conhecimento dos idiomas europeus, comparativamente ao árabe ou outras línguas africanas, transformando-se em um dos fatores determinantes para a formação das classes sociais, tendendo a separar a elite, instruída a moda ocidental, das massas, comumente consideradas, com desdém,

“analfabetas” ou “iletradas”, a despeito da grande virtuosidade verbal das culturas orais, produto especial das características tonais próprias as línguas africanas. Para os regimes coloniais, a educação ocidental tornou-se uma arma poderosa de aculturação; ela modelava a mentalidade da elite por ela formada, adestrando-a a desejar certos aspectos da cultura europeia — indumentária, culinária, leis, formas de governo e bens de importação (HABTE e WAGAW. 2010 P. 818-819).

Para a educação ocidental, consolidada pelas leis coloniais relacionadas ao matrimônio, ao direito de herança e a propriedade fundiária, assim como pela regra cristã relativa à monogamia, era fundamental subtrair a elite instruída do modelo comunitário das sociedades africanas tradicionais, para propor-lhe um novo modelo, baseado no individualismo, no núcleo familiar, na propriedade privada e na acumulação de bens. Esta elite instruída começava a conhecer mais superficialmente e a não mais atribuir valor algum a história da África, as suas ideias religiosas, aos seus costumes indumentários, a sua culinária, a sua arte, a sua música, aos seus modos de vida em geral, muito distantes dos grandes centros urbanos, porém, sempre predominantes nas regiões rurais (HABTE e WAGAW. 2010 P. 819).

Na realidade, os colonizadores revelaram-se iludidos no tocante ao grau de alienação desta elite instruída, como demonstraram, por inúmeras vezes, aqueles dentre os membros desta camada social que, aspirando ao poder político, foram obrigados a provar a sua popularidade e a sua aptidão para conquistarem e conservarem o apoio do povo. O nível dos estudos atingidos no sistema de educação ocidental e o domínio dos idiomas europeus revelavam-se determinantes com vistas a ganhar a confiança das massas. Particularmente, a sua educação ocidentalizada permitiu aos dirigentes nacionalistas transcenderem as barreiras étnicas entre grupos linguísticos, transformando-os em porta-vozes do conjunto de povos dos territórios coloniais, independentemente da sua língua ou da sua nacionalidade (HABTE e WAGAW. 2010 P. 820).

De um modo geral, os dirigentes políticos haviam igualmente compreendido que, para fazer da educação o instrumento da descolonização mental e do desenvolvimento econômico, não era suficiente expandir e

consolidar o sistema herdado dos regimes coloniais seria igualmente necessário reforma-lo e adapta-lo as necessidades das sociedades africanas pós-coloniais. Assim sendo, a historia contemporânea da educação na África articula-se em torno do tema duplamente constituído, relativo à expansão e a reforma. Se, por sua vez, o programa de expansão foi claramente formulado, as reformas, quanto a elas, revelaram-se de difícil realização, comparativamente ao inicialmente previsto, durante a euforia das independências (HABTE e WAGAW. 2010 P.821).

A elite educada no sistema ocidental não se afastava completamente das massas, entre outras razões e porque, apesar das escolas missionárias e todas as pressões do sistema colonial, as tradições pré-coloniais, no que diz respeito à educação e essencialmente, sobreviveram graças à família e a religião. A escolarização da criança africana não podia apagar, por completo, a influência sobre ela exercida pela sua família, anteriormente a sua entrada na escola, durante os cinco primeiros anos de sua vida, quando ela está bem próxima da sua mãe. Esta, por sua vez, ensinava a sua própria língua, transmitiam-lhe os valores fundamentais da sua cultura, pois mesmo quando ela própria fora exposta a uma educação e as ideias religiosas estrangeiras, os seus laços com a sua cultura de origem, mesmo distendidos, jamais haviam sido integralmente rompidos. Além disso, as necessidades religiosas da coletividade, principalmente nas regiões de tradição islâmica ou afro-cristã supunha a preservação do sistema tradicional de educação (HABTE e WAGAW. 2010 P. 823).

4.3 Expansão e Reforma

Quando da independência, os dirigentes africanos compreenderam faltar-lhes, a um só tempo, expandir e reformar o sistema de ensino colonial. Para retomar os termos do presidente da Guiné, Sekou Toure: “Nos devemos africanizar a nossa educação e livrarmo-nos das falsas ideias herdadas de um sistema educativo concebido para servir aos objetivos coloniais”. Todos os dirigentes estavam de acordo acerca da necessidade de uma ampliação do sistema educativo. Salvo raras exceções, como o presidente do Malawi, quem preconizava copiar sem hesitação o sistema próprio a *public school* inglesa e aclamava as virtudes da educação fundada sobre o estudo do latim e do grego,

a maioria dos chefes de Estado africanos entrou em consenso acerca da necessidade de africanizar o ensino e ancora-lo em estruturas africanas. O chefe de Estado tanzaniano, Julius Nyerere, ele próprio antigo mestre e muito amiúde qualificado como *Mwalimu* [professor], apresentou, com extrema clareza, uma filosofia da educação africana, em sua obra *Education for self reliance*¹³. Ele sublinhava então o papel da educação no âmbito da construção do socialismo africano, proposto na Declaração de Arusha, preconizando quatro grandes reformas:

1. Integrar a educação ocidental a vida da família e da coletividade;
2. Por fim ao elitismo da educação colonial através de um currículo para o ensino primário universal que integrasse os sistemas ocidental e tradicional de educação;
3. Preencher o abismo entre a elite instruída e as massas, levando as pessoas instruídas a melhor apreciarem o saber e a sabedoria acumulados no seio das sociedades tradicionais;
4. Inculcar o espírito do trabalho e do serviço à coletividade nos processos educacionais (HABTE e WAGAW 2010 P. 826).

Na Guiné-Bissau o sistema educativa implementada pelo PAIGC nas zonas libertadas procurava retomar o que havia de relevância na experiência da sociedade tradicional guineense. A informação educativa e sua espontaneidade tradicional eram revalorizadas, assim como o recurso a experiência dos anciões. Também se procurava, principalmente, aprender na e pela prática. Considerando a grande dificuldade com que se deparava face aos recursos materiais, tentava-se, a medida do possível, associar aprendizagem a produção e nas tarefas das comunidades. Sobretudo nos internatos organizados pelo Partido, o estudo estava ligado ao trabalho produtivo e os alunos participavam na gestão da escola e de sua preservação material. Com essas experiências praticas de integrar a educação ao trabalho e a participação política, tentava-se desenvolver nos alunos uma nova mentalidade, isenta de preconceito e dos aspectos considerados negativos pelos portugueses na sociedade tradicional (CA, Lourenço. 2000 p. 13).

A educação contribuía grandemente para a emergência de uma cultura verdadeiramente nacional que extraia as suas raízes dos aspectos positivos das deferentes culturas tradicionais, mas que era possível incorporar, adaptando-as dentro das necessidades do País, as aquisições da cultura científico-universar.

A Guiné-Bissau figura como um dos últimos países africanos a ter uma universidade, enquanto, olhando-se em torno, constata-se que em outros países também vítimas da colonização a situação foi diferente.

Na África, a Universidade da Serra Leoa nasceu nos finais do século XVIII; a de Uganda e a primeira escola normal superior e federal no Senegal foram fundadas no início do século XIX. Ingleses, espanhóis e franceses demonstravam, com tais iniciativas (Moema Parente Augel, 2009 p.138-139).

Segundo Moema Augel (2009 p. 140) Portugal demorou até a metade do século XX para seguir o exemplo dos outros países colonizadores. Angola abrigou um incipiente ensino universitário somente em 1962; a sua primeira universidade pública foi criada em 1988, a partir da transformação dos Estudos Gerais Universitários de Angola na Universidade de Luanda que, após a independência, mudou o nome para Universidade de Angola e finalmente para Universidade Agostinho Neto (1985). A Universidade Católica de Angola, uma instituição privada foi fundada em Luanda em 1999, pela Conferência Episcopal de Angola e São Tomé. Oferece um curso propedêutico, além de cursos de Direito e de Economia.

A Universidade Eduardo Mondlane é a maior e mais importante universidade em Moçambique, tendo sido fundada em 1962, com a designação de Estudos Gerais Universitários de Moçambique, passando em 1968 a Universidade de Lourenço Marques. Em 1976 um ano depois da independência foi rebatizado com o nome atual, homenageando Eduardo Chivambo Mondlane, primeiro presidente da Frelimo, iniciador da luta armada pela libertação moçambicana.

A Universidade do Cabo Verde foi criada em 1995, começando a funcionar um ano depois. Foi concebida segundo os padrões brasileiros de instituições públicas de ensino superior. O ensino superior na República Democrata de São Tomé e Príncipe estão ainda pouco desenvolvidos; limitava-se, pelo menos até 2005, ao Instituto Superior Politécnico, criado em 1998, direcionado, sobretudo para as áreas da Pedagogia e da Administração e Gestão.

O surgimento do ensino superior na Guiné-Bissau passou por muitas etapas até concretizar-se. A iniciativa de criação da universidade na Guiné-Bissau apoiou-se nas diretrizes do Plano-Quadro Nacional “Educar para o Desenvolvimento Humano”, baseado na constatação que a Guiné-Bissau precisa formar internamente seus quadros, com vista a um desenvolvimento durável e autossustentado.

Numa breve retrospectiva, lembremos que a independência do país trouxe, dentro do espírito da luta libertária, entendida, conseqüentemente, também como cultural, uma primeira reforma do ensino. Foi criado o Gabinete de Estudos e Orientação Pedagógica, a Escola de Direito, a Escola Normal Superior “Tchico Té”, todos em 1979. Do mesmo ano é também a criação da Escola Nacional de Educação Física e dos Desportos, inicialmente muito amparada pela cooperação cubana.

A Faculdade de Direito de Bissau resultou da transformação da antiga Escola de Direito, sendo a Instituição de maior prestígio nacional e internacional. Está diretamente ligada a Faculdade de Direito da Universidade Clássica de Lisboa.

O ano de 2003 foi um marco definitivo para o ensino superior na Guiné-Bissau, com o início das atividades, quase ao mesmo tempo, de duas importantes instituições: a Universidade Amílcar Cabral (UAC) e a Universidade Colina de Boé (UCB) (Moema Parente Augel. 2009 p. 143).

5. ASPECTO CULTURA

A Guiné-Bissau possui um patrimônio cultural bastante rico e diversificado. As diferenças étnicas e linguísticas produziram grande variedade no nível da dança, da expressão artística, das profissões, da tradição musical, das manifestações culturais. A dança é a verdadeira expressão artística dos diversos grupos étnicos. Os povos animistas caracterizam-se pelas belas e coloridas coreografias, fantásticas manifestações culturais que podem ser observadas correntemente por ocasião das colheitas, dos casamentos, dos funerais, das cerimônias de iniciação. O estilo musical mais importante é o gumbé. O carnaval guineense, completamente original, com características próprias, tem evoluído bastante, constituindo uma das maiores manifestações culturais do País. O músico José Carlos Schwarz é ainda hoje considerado um dos maiores nomes de sempre da música guineense.

5.1 Revista em quadrinho

Chamada localmente de “bandas desenhadas”, as revistas em quadrinho começaram a aparecer no início da década de oitenta, sobretudo mediante o trabalho dos irmãos Júlio (Fernando e Manuel), Humberto Gonçalo e Malamba Sissé. Como sói acontecer com canções, essa produção escrita sai basicamente em crioulo. Pelo menos no início, os artistas produziam suas obras de modo artesanal (mimeografadas) e as comercializam eles mesmo ou mediante vendedores de feiras. O grande mérito deles é terem iniciado o que se poderia chamar literatura crioula (Hildo do Couto e Filomena Embaló. 2010 p. 205).

Manuel Júlio criou a personagem Ntori Palam na década de oitenta, personagem que se tornou muito popular na Guiné-Bissau. Trata-se de um anti-herói, que usa a astúcia para se sair bem.

5.2 Teatro e Cinema

Ao falar do teatro, Rosa (1993) afirma que “esta forma de expressão ainda é praticamente inexistente”. Acrescenta, porém, que algo do que se podemos chamar de representação teatral já existe, e existiam antes da chegada dos colonizadores, como os rituais fúnebres, de casamento, as manjuandades e a atividade do *djidius* (jograis). Rosa continua afirmando que até início da década de noventa, surgiram pelo menos cinco grupos teatrais, um deles dirigido pela brasileira Teresa Costa. Na década de trinta, Herinque de Oliveira patrocinava apresentação na Casa Gouveia (depois Armazém do Povo). Antonio José Flamengo apresentou comédias e outra peça leve com a companhia Revista Africana de Fantasia e Crítica Social (Filomena Embaló. 2010 p. 206).

Segundo Filomena Embaló (2010 p. 206) havia também encenação de peças infantis por missionários, além de outras para a juventude, ligadas a fascista Mocidade Portuguesa. Na passagem dos anos 50 para os 60, Porfírio Costa (Alonsó) ousou desafiar o governo fascista Português, tendo ele e seus companheiros, como João Forbes, sido perseguido pela PIDE.

Em meados da década de 60, Paulo Santi fez algumas apresentações na aldeia de Morés por ocasião da visita de Luis Cabral, primeiro presidente da Guiné-Bissau

independente, e da de Amílcar Cabral. Por volta de 1969, um grupo de jovens ligados ao já formado PAIGC que começou a sobressair-se se apresentou em Conacry, diante de Séku Touré e de Miriam Makeba (Filomena Embaló. 2010 p. 207).

Após a independência (1974), foi criada uma escola de música, um grupo de balé e uma de arte. Em principio, essas iniciativas deveriam ser impulsionadoras de um teatro guineense. Com efeito, foi criado o Grupo Teatro Nacional Okinka Pampa, com exhibições inclusive no exterior, e o Grupo Teatral de Bafatá (1977), por um missionário católico. O maior nome do teatro guineense é certamente Carlos Vaz, dramaturgo, ator e diretor. Ele criou o grupo Teatro Popular Guineense em 1980 (Filomena Embaló. 2010 p. 207).

Apesar da falta de apoios das autoridades competentes, o teatro tem vindo aos últimos anos a ganhar uma maior dinâmica com criação de vários outros grupos um pouco por todo o país. Em 1989, foi criado o Teatro Estudo Africano, além do Teatro Radiofônico. Em 1997 surgiu outro grupo, Kmpu Kinti, que não se solidificou. Voz da Guiné, Teatro Lanta, Grupo Amizade (de S. Domingos), Irmãos Unidos (do Gabu), Teatro dos Oprimidos, Ussoforal, Teatro Experimental de Bissau, Netos do Bandim, Netos da Amizade, Teatro escolar do Liceu Nacional Kwame N'krumah e Brigada Cultural Estudantil (Filomena Embaló, 2010 p. 207)

Para Filomena Embaló (2010 p. 208) se o teatro guineense já é pobre devido à precariedade da vida na Guiné-Bissau em todos os níveis, o cinema é mais pobres ainda, quando não por requerer instrumentos, em geral caros, menos diante da criação do Instituto Nacional de Cinema (INC) logo após a independência. De qualquer forma, quando se fala em cinema na Guiné-Bissau, o primeiro nome que vem a mente é o de Flora Gomes. Em segundo lugar vem o de Sana Na N'ada. Aliás, as duas primeiras realizações cinematográficas no país foram as curtas-metragens *O regresso de Cabral* (1976) e *Anos no oça luta* (1976), coproduzido pelos dois. Mas, em 1977, Gomes ainda produziu as curtas *A reconstrução* e *N'tudu*. Em 1987, ele lança o primeiro longa-metragem, *Mortu Nega*, que, como lembra Odete Semedo, “é aquele a quem a morte recusou levar”. O segundo, *Udju Azul de Yonta*, é produzido em 1991, com a colaboração de Atchuchi e Odete Semedo. Filme trata de problema como o desapontamento com os rumos que a sociedade e a política guineense estavam tomando, inclusive o desejo de imitar costumes europeus (Filomena Embaló, 2010 p. 20-209).

5.3 Música

É bem provável que uma das facetas mais importantes da cultura guineense e (da africana em geral) seja a música, com tudo o que a rodeia como, por exemplo, o ritmo, a dança, os bailes, os instrumentos etc. ela faz parte da longa tradição. Como informa Aliu Bari em entrevista, o *djidiu* (jogral) Malam Camaleon é a primeira a cantar em crioulo, de 1945 a 1950. Os *djidius* se manifestam na melodia conhecida como *Gumbé*. Alguns deles ficaram famosos na Guiné-Bissau (Filomena Embalo, 2010 p. 20).

No que tange a música moderna, Félix Sigá informa, no artigo “Guineidade e diapasão: música moderna guineense” (*Tcholona* N. 1, p. 18-20 e n. 2/3, p. 8-11-15 1994), que a primeira gravação guineense foi o disco de 45 rotações de 1973, do grupo Djorçon, produzido por José Carlos Schwarz, com as músicas “*N’ba Bolama*” (eu fui a Bolama) e “*Nna*” (mamãe), a segunda escrita por Arnaldo Salvaterra, sendo as músicas interpretadas por Ernesto Dabó, que acabara de deixar o conjunto Os Náuticos, da marinha portuguesa. O segundo disco, um LP do Cobiana Djazz (cujo mentor é José Carlos Schwarz) saiu também em Portugal, em 1977, com 18 músicas, exaltando a liberdade e a unidade em torno do partido. Nos termos da Sigá, essa formação “foi não só a fundadora da música moderna guineense como também a maior orquestra de todos os tempos do país”. De 1972 a 1974, essa música levou “a uma adesão da juventude de Bissau em massa a causa da independência” (Filomena Emabaló, 2010 p. 210).

O terceiro disco guineense, também de José Carlos Schwarz e com participação de Miriam Makeba, foi divulgado em 1978, um ano após a morte de Zé Carlos. Denunciavam-se os desvios ideológicos dos novos mandatários do país, o nepotismo e a corrupção, diante da miséria do povo alguns de suas canções são “*Apili*”, “*Mininu di Kriason*”, e “*Mindjer di panu Pretu*”. O quarto disco, do conjunto Super Mama Djombo, saiu em 1980, “segundo maior grupo da Guiné-Bissau”, seguindo a mesma linha do Cobi. Devido à canção crítica ao desgoverno que grassava no país, seus componentes foram muito perseguidos pelo regime. Algumas de suas canções são “*Luta ka ta maina*” (a luta não terminou) e “*Ramedi ki ka ta kura*” (remédio que não cura) e

“*Sur di no pubis*” (suor de nosso povo), todas em crioula “puro”, basiletal. Desse grupo participava o poeta Atchuchi. O quinto disco foi de Zé Manuel Fortes, no momento da separação entre Cabo Verde e Guiné-Bissau (1981), intitulado “Tustumunhus di Aonti” (testemunho de ontem), com oito músicas. Seu ator ex-baterista do Super Mama Djombo, foi o primeiro artista individual a editar um álbum (Filomena Embaló, 2010 p. 211).

6. Notícia sobre Waldir Araújo

Waldir Araújo nasce na Guiné-Bissau em 1971. Em 1985 viaja, pela primeira vez, para Portugal. Na bagagem traz o prêmio obtido no concurso literário do Centro Cultural Português em Bissau subordinado ao tema “A Fundação da Nacionalidade Portuguesa”. É em Lisboa que prossegue os estudos secundários e acadêmicos, em Direito, e alimenta a paixão pelas palavras. Jornalista desde 1996, passa pela imprensa escrita, pertencendo aos quadros da revista Valor e colaborando com vários jornais e revistas. Desde 2001 que exerce a profissão na RDP África.

A atividade literária, porém, não cessa. Publica, de forma regular, prosas e poemas em sites culturais portugueses e brasileiros. Em 2004 é-lhe atribuída a Bolsa de Criação Literária pelo Centro Nacional da Cultura, de Portugal, o que lhe proporciona uma investigação de vários meses junto da comunidade dos “*Rabelados*”, na ilha de Santiago, Cabo Verde. Admirável Diamante Bruto e outros contos são a primeira aventura do autor nos contos, depois da colaboração com os jornais literários *Bagatelas* e *Rascunho*. Treze histórias que nos transportam para cotidiano da sua Guiné, através do olhar de um narrador, cuja existência carrega também o desencanto de certa urbanidade.

Tendo em conta a maior diversidade possível selecionei algumas das que surgem nos treze contos: Admirável Diamante Bruto do conto homônimo, O Dia Do Amor-Próprio, O Dia Em Que Fui Salvo Pelo Pai Natal, Destino de Dubianka.

7 As Categorias da narrativa no livro Admirável Diamante Bruto e outros contos.

7.1 Admirável Diamante Bruto

Dando nome ao conto e á obra, a personagem da narrativa inicial desta obra, “Admirável Diamante Bruto”, apresenta um conjunto de Características, tópicos da enunciação de uma vida despreocupada, orientada pelo prazer e por um destino que lhe foi, numa primeira análise, favorável. Vindo da Guiné para Lisboa nos anos 80, a fim de entregar o plantel dos juniores do Sport Lisboa e Benfica, a personagem alterou a data de nascimento e também mudou o nome. Passou a chamar “Admirável Diamante Bruto”, porém o homem não teve o esperado sucesso no clube foi despedido.

Sozinho e desamparado procurou o seu primo Ansumane Sidibé, o único parente que tinha em Portugal. Estavam de relação cortada faz tempo, mas Ansumane não virou as costas porque isso era contra os princípios da solidariedade que caracterizam as famílias africanas. Resolveu confiar o primo uma função na empresa como guarda-livros na sua promissora empresa de construção civil.

O personagem tinha outros interesses nunca se empenhou um pouco mais do que o necessário. Queria vencer na vida enganado outro para se der bem, desde começo da história o autor cria certa mistério ligando intencionalmente entre leitor e texto. Colocando uma ponte entre o vivido e o ainda para viver, “Até hoje o segredo esta bem guardada”. “quase ninguém sabe o verdadeiro nome do homem”. “O certo é que Admirável Diamante Bruto não é o seu nome de registro”.

Podemos ver o problema de crise de identidade do personagem no enredo, o Admirável queria ser alguém, vencer na vida enganando outros. Primeiro apagou a sua identidade, por sua iniciativa para se tornar um futebolista, renascendo como “Admirável Diamante Bruto”, segundo foi empregado na empresa do seu primo um emprego que ele encara como o mal necessário, à noite vestia outra vida, assumia a identidade.

Fingia ser alguém importante frequentava em cada final de tarde os halls de hotéis de luxo da capital, nessa crise de identidade permitem a Admirável momento de verdadeira realização pessoal, bem como nos confirma o narrador. “é indescritível o prazer que o homem sentia nesse ritual. Era, por assim dizer, o grande momento da sua vida. Sentia-se um executivo de sucesso, um político de alta-roda, um digníssimo embaixador africano, um agente secreto disfarçado, um negociante de diamantes, tudo”.

Admirável é um anti-herói típico da Guiné, com postura de alguém quer vencer buscando uma nova forma de vida desonesta. A migração no principio do enredo influencia ponto de vista narrativa.

7.1.2 Caracterizações físicas das Personagens

Admirável Diamante Bruto – alto forte.

Ansumane Sidibé – sensato e pragmático.

7.1.3 Caracterizações psicológicas das personagens

Admirável Diamante Bruto - mentiroso fingidor ambicioso.

Ansumane Sidibé – humilde leal.

Ao longo do texto presente o processo de “caracterização direta”, pois as informações são nos dados pelo narrador. No entanto, há também informações que são deduzidas a partir do comportamento das personagens. “caracterização indireta”.

Admirável, personagem principal torna-se uma personagem fingidor no fim do conto, porque adquire uma densidade psicológica significativa. Admirável um homem mentiroso aquele que finge ser quem não era alguém importante frequentava em cada final de tarde os halls de hotéis da capital. O Ansumane Sidibé é personagem secundário.

Existem muitas referencias que permitam localizar a ação no tempo no conto Admirável Diamante Bruto. Há muitas expressões referentes ao tempo: “anos oitenta”, “de manhã”, “todos os dias”, “cinco horas da tarde”, “fim da tarde”, “à noite”, “certa noite”, dois “meses”. O tempo é cronológico.

É à noite e dia que acontecem os principais acontecimentos desta história como: chegada de Admirável a Lisboa, arrancava para o seu ritual, passava nas obras do

primo, vestia outra vida, se casou. No entanto ação fecha com a volta do Admirável capital portuguesa.

O núcleo central da ação centra-se no dia e noite. A condensação de um tempo da história tão longo, numa narrativa curta implica a utilização de sumários ou resumos (processo pelo qual o tempo do discurso é menor do que o tempo da história); de elipses (eliminação, do discurso, de períodos mais ou menos longos da história). Quanto à ordenação dos acontecimentos, predomina o respeito pela sequência cronológica.

A ação localiza-se em Guiné e Portugal (Lisboa, Amadora) decorre numa cidade. Toda ação decorre nesse espaço, sendo que alguns recantos de Hotéis de Lisboa são sobrevalorizados por oposição a outros, por exemplo, sala de espera do hall de entrada dos Hotéis onde Admirável se sentia feliz.

No entanto, alguns espaços exteriores adquirem alguma importância como, por exemplo: o primeiro espaço vindo da Guiné para Lisboa a fim de integrar o plantel dos juniores do Sport Lisboa e Benfica onde teve de abandonar a residência da equipe e fazer a vida; o segundo acaba por ser um elemento caracterizador do vilão do conto: “Chegava por volta das seis da tarde, sentava-se no primeiro hotel do roteiro”. Através desta apresentação, o leitor fica na do que ira acontecer.

O espaço é descrito do geral para particular, do exterior para interior. Primeiramente apresenta-nos Guiné e Portugal onde desenrola a história. À medida que se desenrolam os acontecimentos, o espaço vai-se concentrando cada vez mais, acabando que o Admirável ficando no hall do hotel tarde toda. A coordenadas espaciais tem caráter universal, Portugal passa ser pano de fundo de um ser humano que busca a sua identidade.

7.2 O dia do amor-próprio

7.2.1 Caracterização física das Personagens

Ernesto Nanqui – alto e robusto

Domingas Odianga – poderosa e temida

Nenê Sankó – linda e atraente

7.2.2 Caracterização psicológica das personagens

Ernesto Nanqui - pescador, triste.

Domingas Odianga – ninfomaníaca cruel

Nenê Sankó – estéril, rejeitada,

No conto “O dia do amor-próprio”, o leitor depara Ernesto Nanqui, em estado de decadência, “outrora admirado pelas mulheres e pelos seus pares, é hoje alvo de desprezo de uns e outros”. Neste conto, o pano de fundo reside na sociedade matriarcal presente no arquipélago dos Bijagós, sendo todos os aspetos determinantes da comunidade discutidos e decididos pela assembleia das mulheres de Étionkó, a onde decorre ação narrativa.

Discutem que punição dar a Ernesto que, numa ato de desespero, por se ver repudiado por Domingas Odianga, sua mulher e líder das mulheres de Etionkó, e desrespeitando por todos, decidiu mutilar-se, cortando o seu próprio pénis e ferindo a sua dignidade, que residia na sua matchundadi (virilidade).

Este ato de desespero trás o problema de representação social homem e mulher. Ao mutilar o seu pénis Ernesto deixou de ser homem para Domingas, para ela o “o homem que não é homem não se comporta assim” vimos outra vez o problema da identidade o Ernesto não é homem é um traidor para Domingas, mas para Néné Sankó ele é homem não um traidor foi vitima do desamor prometeu cuidar do Ernesto fazendo-lhe seu homem. Nenê Sankó, é uma jovem atraente, por ser sebada (estéril), não encontra marido.

Porém Ernesto foi curado pela Nância Kabunqueré a curandeira cega com as folhas de Sibó. A sua fama e dignidade renasceram das cinzas da palha de Sibó. As mulheres da ilha olhavam-no agora, de novo, com vontade. Domingas voltaram a falar de mansinho com Ernesto, com carinho. Néné Sankó finalmente conseguiu engravidar.

Perante toda essa mudança, Ernesto decidiu ir para casa de a curandeira Nância Kabunqueré agradecer-lhe por tal feito, comprou uma vaca para presentear a mulher de poderes ocultos. Ela sorriu agradecimento e disse para ele vou contar um segredo da sua cura:

“o que aconteceu contigo não foi nenhum milagre. A folha de Sibó, que é uma planta vulgar, não tem poderes nenhuns a não ser o de relaxante como tanto outros chás que temos na ilha. O que mudou a tua vida foi à confiança e a autoestima que reconquistaste enquanto acreditavas nos poderes sobrenaturais da planta de Sibó. Ao voltares a sentir força e pujança, ao voltares a acreditar em ti, tudo isso veio por arrasto (p.33)”.

O que vai prender o leitor no conto não é o problema, mas sim a solução, a história vai ficar viva na mente da pessoa. O ato desesperador de Ernesto trás em tona o problema social e individual do conto. Todo enredo e história acontecem na Etionkó uma ilha verde, de floresta densa onde o solo é fértil, o autor nós demonstra na sua narrativa ficcional e a realidade.

Há referência a data que permitam localizar a ação no tempo, “século XVII” e “século XX” “todos os anos”, “época da chuva” é alguma expressão referente ao tempo. O tempo é cronológico e remoto (lenda) que retém as tradições da Guiné-Bissau, justifica a cronologia tentando trazer verdade e a verdade premiada com a lenda.

Os principais acontecimentos desta história acontecem no dia como: Ernesto Nanqui tentando mutilar o seu pénis como protesto, reuniões de mulheres, briga de Néné Sankó com Domingas Odinga, cura de pénis de Ernesto. Presente histórico esta marcado no texto como “Na ilha, correm rumores de que além de Néné Sankó que ficou finalmente grávida Ernesto Nanqui tem outra amante. Dominga Odianga não se importa, desde que o homem a visite regularmente dando-lhe o tanto que em tempos desdenhara”.

Ação localiza-se numa Ilha verde, “de floresta densa onde o solo é fértil e o mar rico em peixe” toda ação decorre nesse espaço. O espaço é limitado à ilha.

7.3 O Dia Em Que Fui Salvo Pelo Pai Natal

No conto “O dia que fui salvo pelo Pai Natal” abre com seguinte declaração: “Ao saltar o muro caí em cima de um pedaço de vidro que me rompeu o joelho”. O conto atende a uma característica tradicional dessa forma literária. O conto principia a maneira de uma narrativa de “era uma vez...”, mas noutra nível estilístico. O leitor encontra o Ladrão personagem narrador em processo crítico três agentes de ordem pública tentando deter um ladrão de mercearia.

O narrador é o protagonista da ação: ele conta, em primeira pessoa, fatos relacionados com ele mesmo. “Consegui roubar um pão e uma lata de salsicha” “com fome não se pensa” “A fome tem o poder nefasto de nos levar a loucura, seca-nos a razão, ao possuir-nos, comanda-nos rumo a um único objetivo: saciá-la” “Não era primeira vez que roubava para comer”. Há, nessa passagem, uma dramatização da consciência de Ladrão. Através de seu ponto de vista, o leitor penetra nos horrores do mundo.

“Na verdade, não faço outra coisa há anos. Vivo num barracão desses esquecidos nas grandes cidades e que só mesmo motivos eleitorais mudam o destino. Enquanto esse grande e decrepito edifício aguarda, de pé, o seu fim, eu afino pelo mesmo diapasão. E é neste edifício que, como outros tantos desgraçados como eu, “sem-abrigo” diriam os hipócritas, improviso um lar. Um pequeno colchão e algumas mantas colhidas aqui e acolá, objetos no lixo, esmolas, restos de vida alheia. Detesto que tem pena de mim, porque eu mesmo não tenho. Estou nessa situação porque entreguei-me, de mão beijada, ao ócio. Gastei o pouco que tinha em jogos. Era viciado em jogos (61-62)”.

Neste caso o autor trás um problema universal para refletir, quando as pessoas não controlam o comportamento diante do jogo, causa o descontrole em todos os sentidos da sua vida. Não impondo limites, o jogador pode comprometer a vida social, a renda, o trabalho, os compromissos financeiros e até mesmo, a ruína de casamento e de relacionamento com seus familiares. O roubo virou para ele uma fonte de sobrevivência, se ele não roubar não sacia a fome.

O Ladrão ganhou primeira vez, mas perdeu por toda vida, perdeu o juízo, depois o emprego, mais tarde a mulher e a família e por fim, a dignidade como nos informa o narrador.

“como é duro perder a dignidade. É como estarmos nus sem vontade, por obrigação. É não ter mais coragem de saudar a nossa outra face no espelho. Depois disso, que mais importa? Teve que roubar para sobreviver aos dias que faltam. Roubo pouca coisa, o suficiente para saciar o mostro”.

A narrativa continuou com a fuga do ladrão, caminhou algum metro à frente a loja de brinquedo, um velhota de sorriso alegre surgiu do fundo da loja aproximou até a porta onde ladrão se encontrava. Com um saco na mão falou para o ladrão “Pensava que

nunca mais vinha! Aqui está o fato de Pai Natal, já sabe que só tem que o vestir e brincar com as crianças aqui no parque. O seu trabalho termina às sete da noite, quando fechamos a loja. Pode começar amanhã, mas como ainda faltam duas horas para a saída, se quiser, pode, pode experimentar nesse período”. O ladrão tentou explicar para velhota de que não se tratava do homem contratado para fazer Pai Natal, e que foi um engano, mas quando viu os policiais, mudou logo aceito emprego vestiu a roupa. Com nova disfarce conseguiu enganar os policiais. Foi salvo pelo Pai Natal.

O ladrão passou a viver de disfarce, a única pessoa que sabia do verdadeiro rosto de Pai Natal é velhota. Com novo identidade permitiu-lhe momentos de verdadeira realização pessoal, como nos informa o narrador, “brinquei muito com as crianças”.

Esta felicidade durou muito pouco até que um dia escutou os policiais a sua patroa de que o dono da mercearia Cabaz d’Ouro tinha sido assassinado por um ladrão que disparou contra o Seu Belmiro. Neste estante momento pode vir outro lado bom de ladrão não conseguia brincar com as crianças, começou a pensar no crime que cometeu, pensou também no fim triste do Seu Belmiro, um homem que tinha uma vida dedicada ao trabalho. Pensou na vida dele que começava a endireitar.

Tomou uma decisão, na sexta-feira, depois do trabalho tirou disfarce decidiu confessar o crime de vários furtos e desfazer o equívoco sobre assassinato. Sabia que era uma loucura, mas foi à frente com sua decisão. Chegou à esquadra Guarda recebeu-lhe mandou-o sentar, enquanto contava a sua história a guarda comia serviu-lhe comida e vinho para ladrão. Falou para ele “Você sabe que dia hoje? É véspera de Natal. Não devia estar a entregar as prendas, senhor Pai Natal? Vá-se lá embora que as crianças estão à espera!”. Atitude de ladrão a confessar e pagar pelo que fez demonstra a sinceridade, alguém que se responsabiliza por seus atos e que deseja mudar.

O autor/narrador trás da Bíblia no conto no Evangelho de Mateus, Pedro pergunta a Jesus quantas vezes ele deve perdoar o irmão. Jesus responde que ele deve perdoar infinitamente. O perdão é essencial. Mas ele só terá sentido se for concedido de coração.

O tempo é psicológico, há referencias a época ou locais que permitam localizar a ação no tempo. Existem muito expressões referentes ao tempo: “há anos”, “toda vida”, “um dia”, “largo minutos”, “certo dia”, “sete da noite”, “amanhã”, “durante a noite”, “na sexta-feira”, “noite fria”.

É de manhã e a noite que acontecem os principais acontecimentos desta história como: a fuga do ladrão, encontro no parque com a velhota da loja, brincadeira com as

crianças, a morte de Seu Belmiro, uma noite fria quando decidiu confessar furtos e crimes, ação fecha com o perdão do ladrão pelo policia gordo.

O núcleo central de ação centra-se de manhã e a noite. O tempo da história é curto, implica a utilização de sumário ou resumos e de analepses (recuo na linha do tempo a momento já passado e anteriores ao tempo do discurso).

O espaço a ação localiza-se na porta da mercearia e decorre numa parque da cidade. Toda ação decorre nesse espaço, sendo que algum recanto da rua é sobrevalorizado por oposição a outros, por exemplo: a loja da velhota, o edifícios velhos, fundo da loja, esquadra.

No entanto, alguns espaços exteriores adquirem alguma importância como, por exemplo: o primeiro espaço é onde o ladrão se encontrava consequentemente conseguiu um emprego; a segunda acaba por ser um elemento caracterizador do conto: “Ao saltar o muro caí em cima de um pedaço de vidro que me rompeu o joelho”. Através desta apresentação, o leitor fica na expectativa do que irá acontecendo.

O espaço é descrito de geral para particular, do exterior para o interior.

Primeiramente, nos apresenta “um ladrão em fuga” à medida que se desenrolam os acontecimentos, o espaço vai-se concentrando cada vez mais, acabando o ladrão perdoado por crimes.

No exterior, encontramos um ladrão dentro de loja vestido de Pai Natal num arbusto que ficava ao lado de muro. No interior da Loja tinha um parque de diversões, onde as crianças brincavam.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma obra literária, por meio de suas categorias ficcionais, tem maneiras diferentes de conduzir a narra de uma ação. Para nós, o espaço e o tempo narrados exercem funções específicas no interior de “Admirável Diamante Bruto e outros contos”. Os rumos que as personagens tomam como nos casos de Admirável o monologam do conto de o “dia do amor- próprio” que queria ser alguém importante que tinha uma vida despreocupada, Ernesto Nanqui rejeitado por Domigas Nanqui e o ladrão “O dia que eu fui salvo pelo Pai Natal”, ilustra como é difíceis e penosas problemáticas humanas. As narrativas podem parecer um pouco distante da realidade atual, em que os ser humano ainda hoje uma resposta, questões relacionadas com essência dos povos, com o poder e o valor da

palavra, o papel e a identidade dos gêneros, no caso da Guiné-Bissau um país que ainda busca erguer das cinzas.

Waldir Araújo conseguiu reunir nesse conto as categorias narrativas para valorizar a construções da identidade, bem humorado convidando os leitores a regressar a Guiné-Bissau. Dando agilidade ao conto através do sumário e valorizando o espaço habitado pelas personagens.

Referencia Bibliográfica:

ARAÚJO, Waldir: **Admirável Diamante Bruto e outros contos**. Livro do Dia Editores 2009, Portugal.

SILVA, Vitor Manuel de Aguiar e. **Teoria da Literatura**, São Paulo, Martins Fontes, 1976.

MASSAUD, Moisés. **A criação literária** São Paulo, 1965.

SAMUEL, Rogel. **Novo Manual de Teoria Literária**. 4. Ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

ABDALA JUNIOR, Benjamin. **Introdução á análise da narrativa**. São Paulo: Scipione, 1995.

PÉLISSIER, René. **História da Guiné**. Portugueses e africanos na senegâmbia 1841-1936 volume I. Lisboa: Editora Estampa 1989

PÉLISSIER, René. **História da Guiné**. Portugueses e africanos na senegâmbia 1841-1936 volume II. Imprensa Universitária. Nº76

LOPES, Carlos (coord) Mansas, **Escravos, Grumetes e Gentio**. Cacheu na encruzilhada de civilizações. Bissau: INEP, 1993

AUGEL, Moema Parente, **O desafio do escombros**: nação, identidade e pós-colonialismo na literatura da Guiné-Bissau – Rio de Janeiro: Garamond, 2007.

SECCO, Carmen Lucia Tindó Ribeiro. **Antologia do mar na poesia africana de língua portuguesa do século XX**: volume III: Moçambique, São Tomé e Príncipe, Guiné-Bissau: UFRJ 1999.

História Geral da África, VIII: **África desde 1935** / editado por Ali A. Mazrui e Christophe Wandji. – Brasília: UNESCO, 2010.

História Geral da África, I: **Metodologia e pré-história da África** / editado por Joseph Ki-zerbo. - 2. Ed. rev. – Brasília: UNESCO, 2010

COUTO, Hildo Honório do. EMBALÓ, Filomena: **Literatura, Língua e Cultura na Guiné-Bissau**. Thesaurus Editora 2010.

CÁ, Lourenço Ocuni. 2009: **A EDUCAÇÃO DURANTE A COLONIZAÇÃO PORTUGUESA NA GUINÉ-BISSAU (1471-1973)**.

Augel Moema Parente. 2009: **Estudo de sociologia**. Revista do programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFPE

SITE CONSULTADO.

<http://WWW.didinho.org/http://www.guine-bissau.net/ue/pt/historia.htm>

